EDIÇÃO HISTÓRICA

Rolling Stone

BRASIL

AC/DC

SUMÁRIO

16

ARQUIVO RS: ENTREVISTAS DE 1980 E 2003

Quando lançaram *Back in Black* e entraram para o hall da fama do rock

26

DISCOGRAFIA

Não, eles não gravaram o mesmo álbum várias vezes: repassamos tudo

Rolling Stone

PENSKE MEDIA CORPORATION (PMC)
JAY PENSKE, CHAIRMAN AND CEO
GEORGE GROBAR, PRESIDENT
DEBASHISH GHOSH, MANAGING DIRECTOR, INTERNATIONAL MARKETS
GURJEET CHIMA, VICE PRESIDENT, INTERNATIONAL MARKETS

ROLLING STONE USA

GUS WENNER, CHIEF EXECUTIVE OFFICER
SEAN WOODS, EXECUTIVE EDITOR
LISA TOZZI, EXECUTIVE DIGITAL DIRECTOR
JOSEPH HUTCHINSON, CREATIVE DIRECTOR
MARIA FONTOURA, DEPUTY EDITOR
BRIAN SZEJKA, PUBLISHER, EVP, HEAD OF GLOBAL BRAND PARTNERSHIPS
JESSICA GRILL, ASSOCIATE PUBLISHER

JANN S. WENNER, FOUNDER

ROLLING STONE BRASIL

LUIS FERNANDO MALUF, PUBLISHER

ADEMIR CORREA, DIRETOR DE CONTEÚDO
FELIPE GRUTTER, EDITOR
FELIPE FIUZA, DIRETOR DE ARTE

NESTA EDIÇÃO
IGOR MIRANDA, EDITOR CONVIDADO
GUILHERME GONÇALVES, LUAN BERTOLINI, MARCELO VIEIRA, PEDRO HOLLANDA, REDAÇÃO
ALAN SEPINWALLS, CT JONES, ROB SHEFFIELD, COLABORADORES
EMERSON CAÇÃO, TRATAMENTO DE IMAGEM
JÚLIA CORREIA, DIRETORA DE PUBLICIDADE
CONCEIÇÃO AUGUSTO, EXECUTIVA DE NEGÓCIOS
DANIELA ALMEIDA, TÂNIA MACENA, EXECUTIVAS DE CONTAS CORPORATIVAS
MARLEY GALVÃO, EVENTOS
ÁGATA KISSA, COORDENADORA DE NEGÓCIOS CORPORATIVOS

CAPA: ATLANTIC RECORDS/MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY IMAGES *CONTRACAPA:* LECA SUZUKI

SPRING

Copyright © 2026 por Spring Publicações Ltda. Todos os direitos reservados. A reprodução sem permissão do conteúdo total da revista ou de qualquer uma de suas partes é proibida. O nome Rolling Stone e o logotipo são marcas registradas por Rolling Stone LLC, cuja licença no Brasil foi concedida à Spring Publicações Ltda.

FOTOS: BOB KING/REDFERNS, RAFAEL CUSATO BRAZIL NEWS, GUSTAVO CABALLERO/GETTY IMAGES, MURRAY/DAILY MIRROR/MIRRORPIX/GETTY IMAGES, FIN COSTELLO/REDFERNS

42
SHOWS EM SP: 2026
Fãs brasileiros desfrutaram de rock'n'roll puro e sem truques

EDITORIAL

MOVENDO MONTANHAS

"O simples pode ser mais difícil do que o complexo: você precisa se esforçar para clarear seu pensamento e torná-lo simples", refletiu Steve Jobs, em 1998, à *BusinessWeek*. "Mas vale a pena no fim, pois, quando você consegue, pode mover montanhas."

O cofundador da Apple não falava sobre AC/DC, mas a declaração se encaixa na proposta de uma das maiores bandas da história do rock. Liderado por Angus e Malcolm Young, o grupo formado na Austrália em 1973 conquistou o mundo com um rock visceral e enérgico, que, apesar da aparente simplicidade, é impossível de se replicar por completo — e gera identificação imediata.

A conexão com o público se traduz em números como as 50 milhões de cópias vendidas de *Back in Black*, o álbum de rock mais bem-sucedido da história, ou os mais de 200 mil ingressos comercializados para os três shows recentes em São Paulo, entre fevereiro e março. Também se mostra em influência, indo do punk ao metal, e na resiliente carreira, pois eles enfrentaram todo tipo de adversidade, mas sempre deram um jeito de voltar.

Nesta edição histórica, narramos a trajetória de cada envolvido, recuperamos entrevistas, mostramos o impacto desta banda na cena e revisitamos canções e álbuns. A relação com o Brasil também ocupa espaço importante: recordamos as visitas anteriores e contamos como foram os shows de 2026. Tudo isso para reforçar dois versos cantados em "Rock and Roll Ain't Noise Pollution": o rock and roll "não é nenhum enigma" e, sobretudo, "nunca irá morrer".

IGOR MIRANDA, EDITOR CONVIDADO

_04_
PERSONAGENS
A história dos músicos que construíram uma das maiores potências do rock

_14_
AXL/DC
Quando um fã e herói improvável salvou os ídolos em turnê

_24_
RECONHECIMENTO
De McCartney a Gaga: todos se rendem e reconhecem o poder do AC/DC

_36_
OUTRAS VISITAS
A história de quando a banda se apresentou por aqui em 1985, 1996 e 2009

_48_
O REPERTÓRIO
Dissecamos cada uma das 21 músicas tocadas ao vivo no Brasil em 2026

_54_
LÍNGUA FERINA
Quando eles opinam sobre outros artistas... sai de baixo

_58_
ESTÉTICA
Sim, AC/DC é *aesthetic*: o visual do grupo é tão célebre quanto o som

WHO MADE YOU?

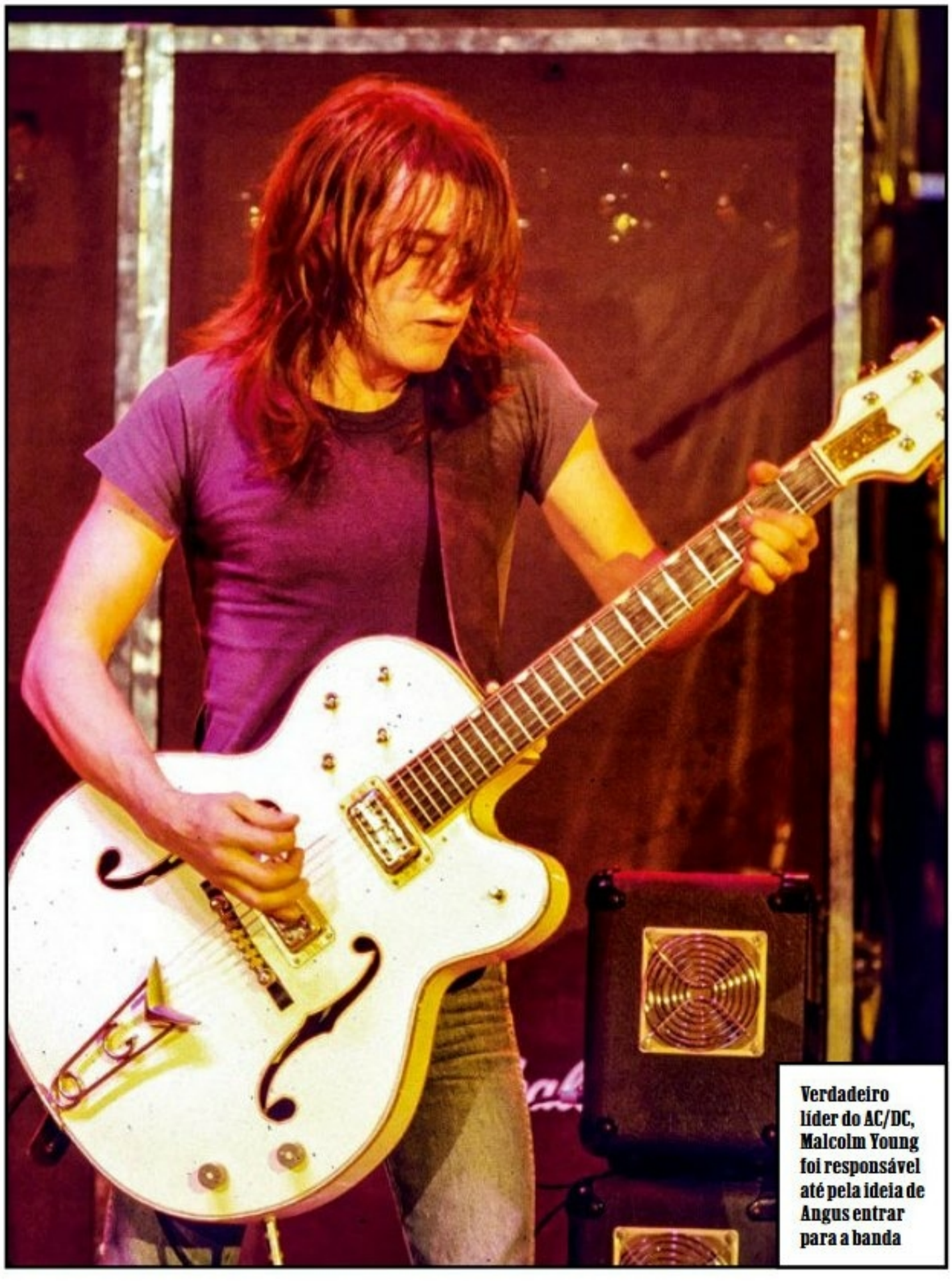
O AC/DC foi moldado a partir de personalidades distintas, ainda que os principais envolvidos tenham trabalhado incansavelmente em busca de um objetivo: gerar rock'n'roll puro e de alto nível

FOTO: HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

AC/DC em 1977 (E-D): Phil Rudd, Angus Young, Mark Evans (que logo daria lugar a Cliff Williams), Malcolm Young e Bon Scott

Malcolm Young

Por **Igor Miranda**



Verdadeiro líder do AC/DC, Malcolm Young foi responsável até pela ideia de Angus entrar para a banda

Malcolm Young era o líder do AC/DC. Tomava as decisões, dava o direcionamento de cada ação e conduzia todo o processo de criação. Por isso, é estranho — ao menos em análise inicial — notar que o guitarrista aparece na capa de apenas dois dos 17 álbuns de estúdio: *Let There Be Rock*, ao fundo, e *Highway to Hell*. Em ambos os casos, só porque os outros membros também estão.

Este talvez seja o retrato mais fiel da personalidade do saudoso músico nascido em 1953. E complementa os diversos relatos sobre ele: raramente dava entrevistas para deixar o irmão mais novo Angus, Bon Scott ou Brian Johnson falarem; sempre ficava no fundo do palco e vestia-se da forma mais sóbria possível, com camiseta, calça jeans e tênis.

Embora adorasse Chuck Berry, Muddy Waters, The Who e Rolling Stones, Malcolm tinha como maior influência seu irmão mais velho: George Young, consagrado nos anos 1960 com a banda Easybeats e produtor de vários discos do AC/DC. Aprendeu com ele a discrição, seus conceitos e técnicas de produção. Tornou-se, assim, o arquiteto do grupo.

Até a chegada de Angus à formação foi ideia de Malcolm, que, antes de considerar o caçula de outros sete irmãos, tentou colocar um pianista, mas desistiu, pois não sentia-se confiante como solista. Músicas como "You Ain't Got a Hold on Me" e o cover "Baby, Please Don't Go" mostram que ele dava conta do recado nesse ponto, mas era craque, mesmo, na base.

Nesse ponto, foi um dos maiores da história do rock. Sua mão de palhetada tinha ataque e ritmo perfeitos. Transformava um mero acorde em algo hipnótico. Influenciou desde a turma do thrash metal (Metallica e etc.) à galera que recolocou o stoner no mainstream (Queens of the Stone Age e mais). Eddie Van Halen já o chamou de "o coração e a alma do AC/DC".

Talvez saber que seu cérebro era tão forte quanto sua mão direita torna ainda mais triste a história do fim. Durante as preparações do álbum *Black Ice* (2008), Malcolm dava sinais de esquecimento e mudança de personalidade. Perdeu a autoridade. Foi diagnosticado em estágios iniciais de demência. Aos trancos e barrancos, gravou o disco e fez a turnê, encerrada em 2010. Afastou-se do grupo, sendo substituído pelo sobrinho, Stevie Young.

Também descobriu ter câncer no pulmão, mas foi a demência que o matou, em 18 de novembro de 2017, um mês após George, aos 64 anos. "A parte mais difícil não foi ele nos deixar, pois foi um alívio", contou Angus, em 2020, ao programa *60 Minutes*. "A pior parte foi o declínio. Eu o conhecia e via que aquela pessoa já não existia mais."

FOTOS: RON POWNALL/GETTY IMAGES, KEVIN WINTER/GETTY IMAGES

Angus Young representa a imagem definidora e indissociável da banda que personifica o rock em si

Angus Young

Por **Guilherme Gonçalves**

"In the beginning... Back in 1955." É sintomático, e a letra de "Let There Be Rock" não deixa mentir que Angus Young tenha nascido justamente no ano em que o rock and roll explodiu como fenômeno cultural de massa, chegando ao topo das paradas com "Rock Around the Clock", de Bill Haley & His Comets.

Seu irmão Malcolm pode até ter sido o cérebro, mas foi Angus que se tornou o rosto e a personificação do AC/DC. É ele, afinal, a imagem definidora e indissociável dessa banda que, por sua vez, personifica o próprio rock em si.

A paixão pela música veio cedo, antes da família Young emigrar da Escócia para a Austrália, em 1963. Na adolescência, o Angus de 16 anos adquiriu a primeira Gibson SG e habilidade para solar. O terceiro ingrediente ele já tinha: o demônio no corpo.

Por influência de Malcolm e com um arsenal de truques letais para enfeitiçar plateias, assumiu o status de *frontman* da banda — mesmo sem jamais ter cantado. Bastava lançar o *duckwalk* (passo do pato), adaptado de Chuck Berry; o *dying bug* (inseto moribundo), quando ele se joga no chão e contorce loucamente enquanto dispara pentatônicas; e o famoso *striptease* durante "The Jack".

Já o uniforme estudantil como indumentária foi sugestão da irmã, Margaret. Nos primeiros shows, costumava ser barrado porque ninguém acreditava que aquele pirralho de 1,57m era realmente da banda. Depois descobriram seu talento, inversamente proporcional à altura.

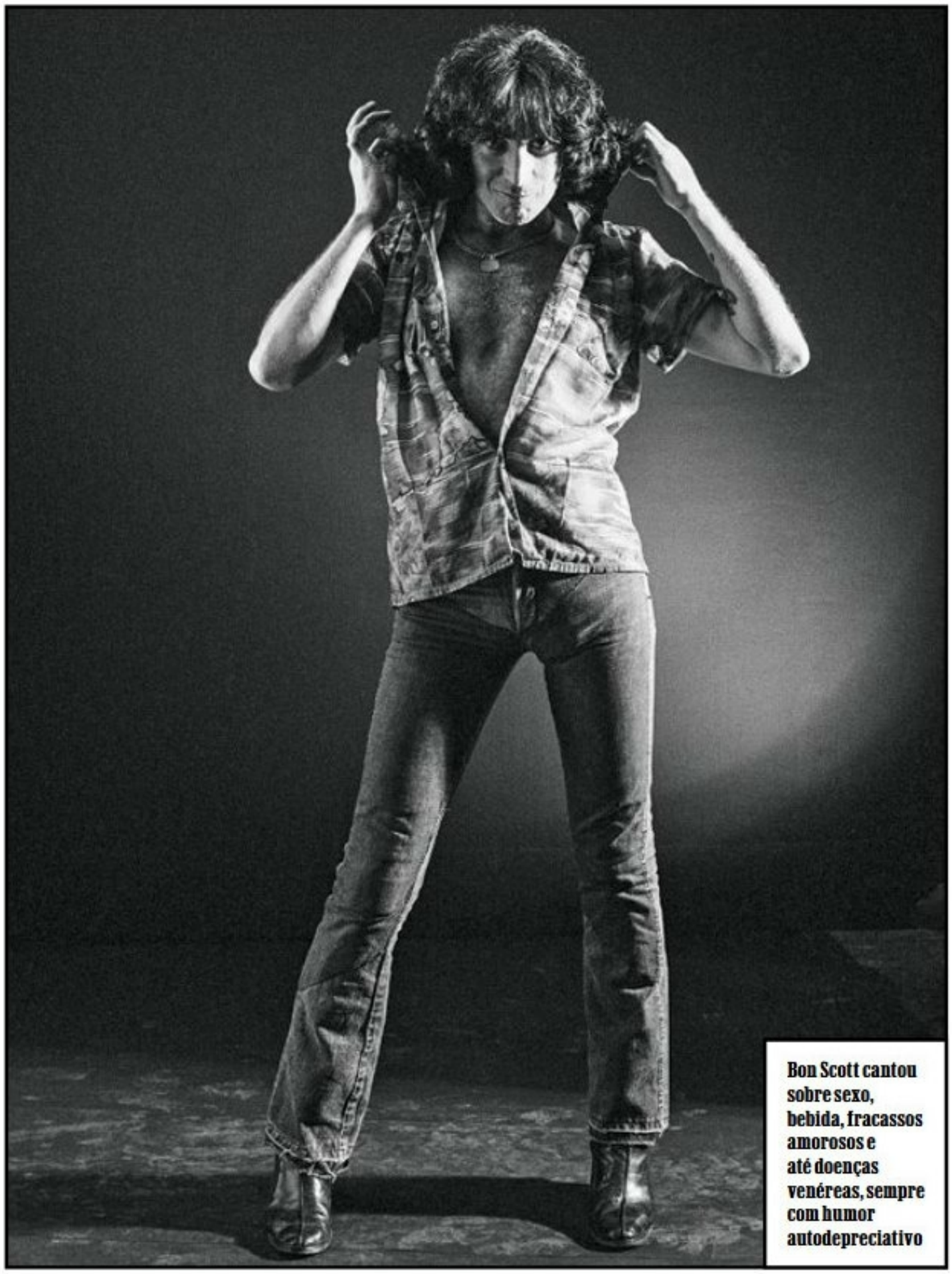
Angus é o único em todos os discos do AC/DC. Sua assinatura musical está cravada em mais de uma centena de canções, desde clássicos antológicos, como "Back in Black" e "Highway to Hell", até pérolas escondidas do quilate de "Ride On", "Gone Shootin'" e "Soul Stripper".

Abstêmio convicto, ele contraria o estereótipo do roqueiro *junkie*. O guitarrista tem como único vício o cigarro, atrelado a uma dieta à base de chá e espaguete à bolonhesa.

Angus idolatrava Malcolm, dois anos mais velho que ele, e jamais retrucava o irmão. Numa das raras vezes que brigaram, o motivo foi o álcool. Stewart Young, ex-empresário do AC/DC (e que, apesar do sobrenome, não era parente), lembra de encontrar Angus com um olho roxo no hotel certa vez: "Malcolm tinha problema de alcoolismo. Houve uma discussão séria. Angus brigou com ele. Eu disse: 'Ele deu uma surra em você, não foi?'. E Angus ficou todo envergonhado. Naquele momento, Malcolm desceu e estava com os DOIS olhos roxos! Mas eles se sentaram para conversar, porque são irmãos, sabe. Eles se amavam de verdade."

Bon Scott

Por **Marcelo Vieira**



Bon Scott cantou sobre sexo, bebida, fracassos amorosos e até doenças venéreas, sempre com humor autodepreciativo

"Eles me perguntam: 'Você é o AC ou o DC?' E eu respondo: 'Nenhum dos dois, eu sou o raio!'" A frase resume o espírito de Bon Scott. Antes do AC/DC, Ronald Belford Scott — nascido em 9 de julho de 1946, em Kirriemuir, Escócia — já acumulava estrada. Emigrado para Perth, Austrália, aos cinco anos, viveu adolescência turbulenta, com passagens por reformatório, enquanto absorvia música e poesia popular.

Nos anos 1960, começou como vocalista e baterista do The Spektors. Ganhou projeção nacional à frente do The Valentines (1966–1970) e amadureceu artisticamente no Fraternity (1970–1973), banda que excursionou pelo Reino Unido e na qual consolidou seu timbre rasgado e suas letras de humor ácido.

Em 1974, um grave acidente de moto quase interrompeu sua trajetória. Recuperado, aproximou-se dos irmãos Young — inicialmente ajudando-os como motorista — e assumiu os vocais do AC/DC após a saída de Dave Evans. "O único ensaio que tivemos foi ficar sentados por uma hora antes do primeiro show dele...", lembraria Angus Young. Bon teria se entupido de *bourbon* antes de subir ao palco: "Certo, estou pronto."

Entre 1974 e 1980, personificou a fase mais visceral da banda em álbuns como *Let There Be Rock*, *Powerage* e *Highway to Hell*. Cantou sobre sexo, bebidas, fracassos amorosos e até doenças venéreas, sempre com humor autodepreciativo, convertendo derrotas pessoais em hinos que dialogavam com a realidade proletária da maioria de seus ouvintes.

Bon Scott morreu em Londres, no dia 19 de fevereiro de 1980, aos 33 anos. A versão oficial, registrada no inquérito britânico como "morte acidental", aponta intoxicação alcoólica aguda após uma noite de bebedeira. Scott foi deixado para dormir no carro de um amigo e encontrado sem vida na manhã seguinte.

Ao longo das décadas, porém, teorias da conspiração ganharam fôlego, sugerindo que a causa real — possivelmente overdose de heroína — teria sido abafada para preservar a imagem da banda. Lacunas sobre aquela noite e depoimentos contraditórios alimentam suspeitas de omissão na apuração.

Nada foi provado conclusivamente. Essas teses sobrevivem em fóruns e biografias alternativas, enquanto o registro oficial permanece intacto.

"Ele realmente não tinha chegado ao seu auge", lamentou Angus à *Sounds* pouco depois, em março de 1980. Considerando sua passagem breve e fulminante por este mundo, a autodescrição de Bon como "o raio" não poderia ser mais precisa.

FOTOS: FIN COSTELLO/REDFERNS, BRIAN RASIC/GETTY IMAGES

Quando foi chamado pelo AC/DC, Brian Johnson estava praticamente fora da música e não esperava segunda chance

Brian Johnson

Por **Pedro Hollanda**

Brian Johnson é talvez o substituto mais bem-sucedido da história do rock. O cara que entrou num cenário no qual todos duvidaram no AC/DC, por razões óbvias. Como a banda ia continuar sem o falecido Bon Scott? Ainda maior.

A história de sua entrada parece destino. Na década de 1970, o vocalista inglês fazia parte de uma banda chamada Geordie, que teve alguns hits no Reino Unido. Anos antes de falecer, Bon Scott elogiou a habilidade do cantor para Malcolm e Angus Young após vê-lo ao vivo. Ficou impressionado com a performance do colega, ainda que pelas razões erradas. "Eu tive um caso terrível de apendicite naquele show e caí de lado, chutando, mas cantando", conta Brian ao *New York Post*. "Ele falou para os caras que minha performance foi ótima, mas eu estava doente."

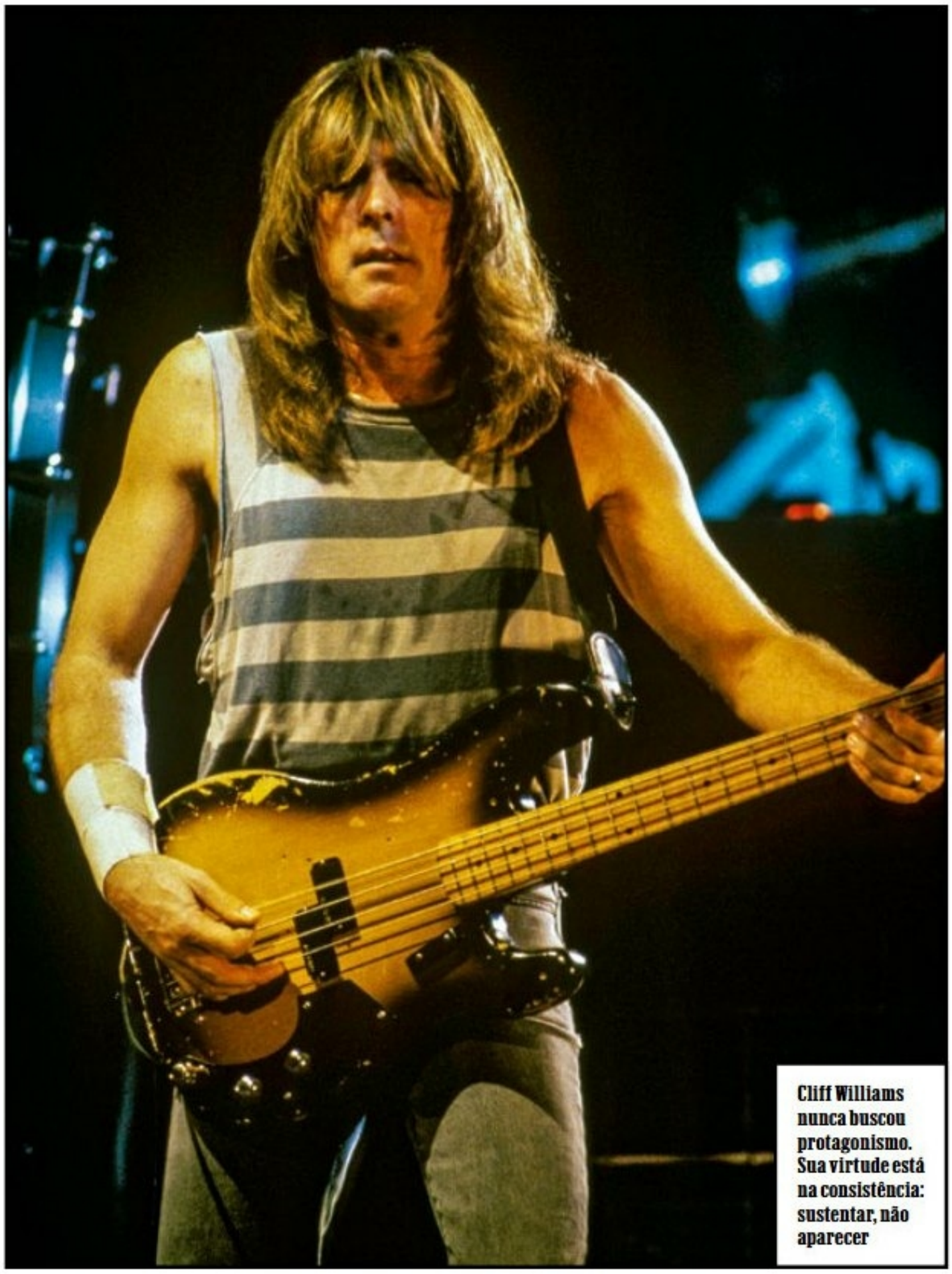
Além disso, o produtor Mutt Lange, ao saber que o AC/DC procurava um substituto, o sugeriu como alguém perfeito para o trabalho. Os irmãos Young lembraram do aval de Scott e consideraram testá-lo. Só tinha um problema: o cantor estava fora da indústria musical. Johnson saiu do Geordie em 1976 e sua carreira solo não vingou. No despertar da década de 1980, trabalhava na empresa do irmão instalando tetos de vinil em carros.

A banda o localizou e ofereceu pagar sua passagem para uma audição secreta em Londres. Na hora H, ele não chegava. Logo descobriu-se a razão: Brian estava ocupado demais jogando sinuca com os roadies do AC/DC. O grau perfeito de falta de profissionalismo.

Após algumas músicas tocadas com o AC/DC — incluindo "Nutbush City Limits" (Ike & Tina Turner) —, os outros testes se tornaram formalidade. Ele era o cara. Johnson tinha 32 anos de idade e não esperava uma segunda chance na música — tanto que no mesmo dia da audição, gravou vocais para um comercial de aspirador de pó. Dava nada por garantido.

Mesmo com a banda à época candidata a estouro mundial, ninguém estava pronto para a dimensão disso: *Back in Black*, primeiro álbum do grupo com o cantor, acumula mais de 50 milhões de cópias vendidas. Após a tempestade, veio a bonança.

Desde então, Brian é o frontman irrevogável do AC/DC. Agarrou a chance para nunca mais largar. Só esteve fora em 2016 por questão de saúde: o tímpano esquerdo do vocalista foi perfurado durante uma corrida de carro — sua outra grande paixão — e o médico lhe informou que corria o risco de perder a audição caso continuasse a fazer shows. Felizmente, recuperou-se para gravar o álbum *Power Up*, voltar aos palcos e retomar seu posto.



Cliff Williams nunca buscou protagonismo. Sua virtude está na consistência: sustentar, não aparecer

Cliff Williams

Por **Marcelo Vieira**

Discreto e econômico, mas absolutamente essencial. Se o AC/DC consiste numa das engrenagens mais sólidas da história do rock, muito disso passa pelas quatro — nunca cinco — cordas de Cliff Williams, o baixista que, por quase meio século, funcionou como alicerce invisível da banda. Em um universo frequentemente notório pelo excesso, ele provou que consistência vale mais do que exibicionismo.

Nascido Clifford Williams em 14 de dezembro de 1949, em Romford, Inglaterra, foi criado em Hoylake e teve o destino forjado pela efervescência da cena Merseybeat. Ainda adolescente, decidiu que seria músico. Após integrar bandas locais, ganhou projeção com o Home, grupo de rock progressivo com o qual gravou *Pause for a Hoarse Horse* (1971), *Home* (1972) e *The Alchemist* (1973). Depois, participou do Bandit, registrando o álbum de estreia homônimo em 1976.

Quando o Bandit chegou ao fim, Williams considerou abandonar a música. Incentivado pelo guitarrista Jimmy Litherland, porém, decidiu tentar uma audição para o AC/DC, que o havia impressionado em uma apresentação no programa britânico *Top of the Pops*. Após quatro jam sessions, foi aprovado. Mudou-se para a Austrália e assumiu oficialmente, em 27 de maio de 1977, o posto antes ocupado por Mark Evans. Estreou em estúdio em *Powerage* — álbum que costuma citar como um de seus favoritos na discografia do grupo, ao lado de *Back in Black*.

Seu estilo nunca buscou protagonismo. Ao lado do baterista Phil Rudd, consolidou uma base rítmica precisa, repetitiva e pesada, sustentáculo para os riffs de Angus e Malcolm Young. Williams raramente foge do essencial. Sua virtude está na consistência: tocar exatamente o que a música pede, nada além. "As músicas do AC/DC são muito centradas na guitarra, então não preciso ficar floreando por baixo. Só preciso impulsioná-las", afirmou à revista *Bass Player*.

Fora do palco, manteve-se distante dos holofotes. Pouco afeito a entrevistas ou polêmicas, construiu reputação de profissional confiável em décadas de turnês monumentais. Em 2016, aos 66 anos, anunciou aposentadoria após a turnê de *Rock or Bust*. O adeus, contudo, não foi definitivo. Em 2020, retornou para gravar *Power Up*, disco construído a partir de ideias deixadas por Malcolm Young antes de sua morte.

Hoje, sua vaga nos palcos é ocupada por Chris Chaney. Ainda assim, a assinatura de Cliff Williams permanece gravada no DNA do AC/DC: menos sobre aparecer, mais sobre sustentar.

FOTOS: BOB KING/REDFERNS, NEIL LUPIN/REDFERNS

Phil Rudd

Por **Pedro Hollanda**

Phil Rudd: o homem que coloca todo mundo para dançar tem capacidade incrível de marcar tempo e senso rítmico apurado

Bateria é elemento chave na fórmula musical do AC/DC. Os riffs precisam de um ritmo forte para funcionarem da melhor maneira possível. Isso fica a cargo de Phil Rudd, o homem que bota todo mundo para dançar.

Phillip Hugh Norman Rudzevecuis, nascido em Melbourne, Austrália, no ano de 1954, largou a escola aos 15 para se tornar aprendiz de eletricista. Gastou seus primeiros salários numa bateria usada, mas fez apenas uma aula do instrumento. Seus professores reais eram seus ídolos nos discos: Simon Kirke (Free), Kenney Jones (Small Faces) e Ringo Starr (Beatles).

Recém-demitido do grupo Buster Brown ao fim de 1974, Rudd soube que o AC/DC estava atrás de um baterista e foi atrás dos irmãos Young. Após um teste no qual os guitarristas estavam apenas de cueca, entrou para a banda.

Phil foi figura essencial para o AC/DC dar o salto comercial além da Austrália. O baterista tinha uma capacidade incrível de marcar tempo, além de um senso de ritmo perfeitamente complementar aos riffs de Malcolm Young.

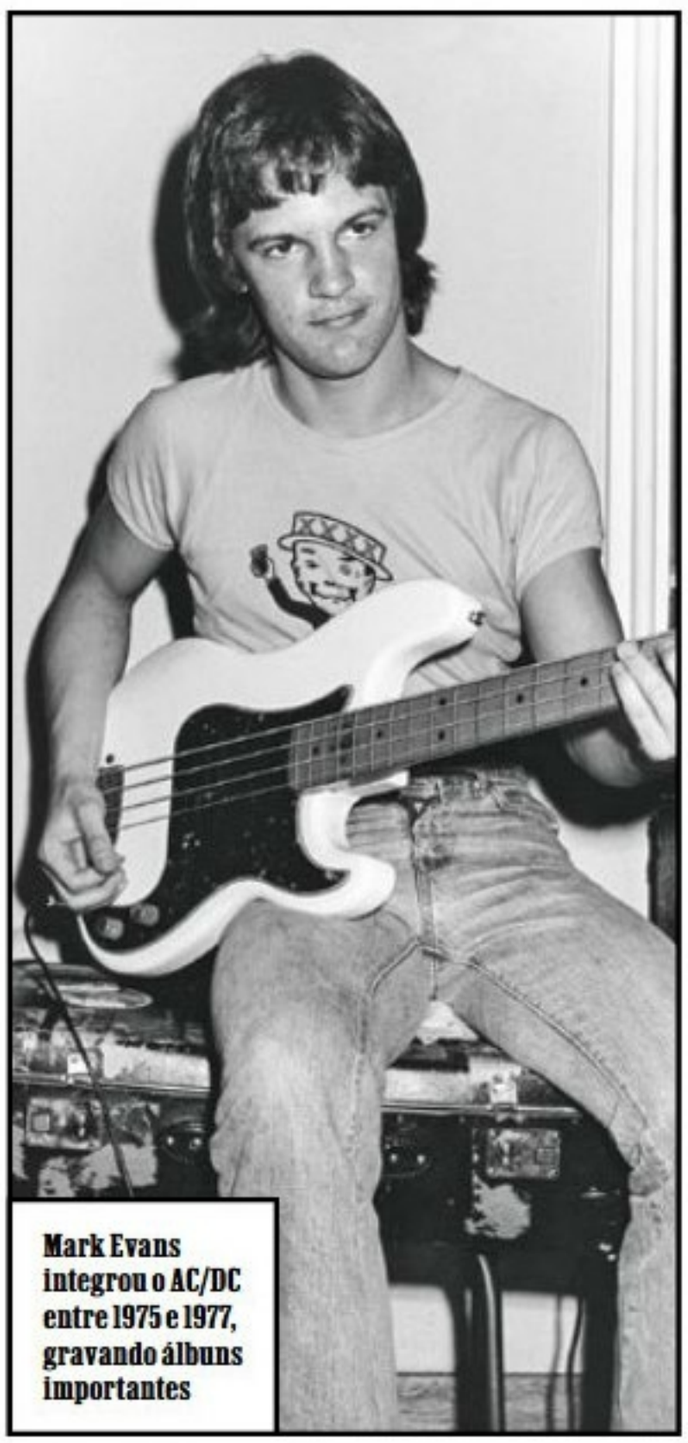
O baterista sentiu muito a morte de Bon Scott em 1979. Os dois eram amigos próximos, e nos anos imediatos após a tragédia, conforme Rudd revelou ao site neozelandês *Stuff* em 2025, sentia-se sozinho no AC/DC. Durante as gravações do álbum *Flick of the Switch* (1983), foi demitido após brigar com Malcolm. Supostamente chegaram às vias de fato.

Fora da banda, Rudd resolveu viver quieto. Mudou-se para a Nova Zelândia, casou e comprou uma empresa de helicópteros. Isso durou até 1991, quando o AC/DC começou a sondar seu retorno.

A banda oficializou em 1994 sua volta ao posto que, durante sua ausência, havia sido ocupado por Simon Wright e Chris Slade. Ele, então, apareceu em todos os álbuns posteriores do AC/DC e, até 2010, todas as turnês. Daí os problemas começaram.

Em novembro de 2014, Rudd foi detido sob acusações de posse de maconha e metanfetamina, além de ameaçar matar um assistente e tentar contratar um assassino de aluguel — esta, retirada já no dia seguinte. A Justiça da Nova Zelândia arquivou a maior parte das acusações mais graves; ainda assim, o baterista foi condenado a oito meses de prisão domiciliar e multado em agosto de 2015.

O AC/DC, que estava prestes a lançar o álbum *Rock or Bust* (2014), realizou a turnê, iniciada em 2015, com Chris Slade. À época, Angus Young chegou a dizer: "Ele não é mais o Phil que conhecemos." O baterista chegou a participar das gravações do disco seguinte, *Power Up* (2020), mas não voltou mais a subir num palco junto dos ex-colegas.



Mark Evans integrou o AC/DC entre 1975 e 1977, gravando álbuns importantes

Mark Evans

Mark Evans foi o primeiro baixista relevante do AC/DC, que até então sobrevivia com quebra-galhos, incluindo George e Malcolm Young fazendo bicos nessa função.

Nascido em 1956 na Austrália, Evans entrou para a banda com 19 anos por indicação de um roadie. Apesar de não ter muita experiência com o instrumento, deixou boa impressão em sua entrevista de emprego ao citar influências de blues, como Johnny Winter, Rory Gallagher e, principalmente, Howlin' Wolf.

Ficou na formação de 1975 a 1977, tendo gravado discos como *Dirty Deeds Done Dirt Cheap* e *Let There Be Rock*. Por vezes mais interessado em festas e groupies, foi demitido quando os irmãos Young perceberam que seu custo-benefício como músico estava ficando caro: ganhava bem, mas produzia muito pouco. O próprio admite à *ABC*: "Não levei a sério." — Guilherme Gonçalves

Simon Wright

Simon Wright assumiu a bateria entre 1983 e 1989 e tocou na fase mais contestada

Simon Wright foi o escolhido quando o AC/DC precisou substituir seu marca-passo, Phil Rudd, em 1983. Como qualquer procedimento que envolve o coração, foi uma intervenção delicada, mas o novo baterista tinha atributos técnicos até além do que os necessários para manter o ritmo da banda pulsando.

Pesou contra ele, no entanto, o fato de ter entrado justamente na fase mais contestada. Enquanto esteve na formação, Simon gravou álbuns que não se destacam na discografia: *Fly on the Wall* (1985) e *Blow Up Your Video* (1988), além das inéditas da compilação *Who Made Who* (1986).

O britânico já declarou que, para se encaixar no AC/DC, teve que enxugar seu modo de tocar. E que depois passou a se sentir enclausurado musicalmente. O convite para se juntar à banda de Ronnie James Dio, em 1989, foi o pretexto ideal para sair. — G. G.

Chris Slade tocou com outros gigantes do rock

Chris Slade

Baterista do AC/DC entre 1989 e 1994, Chris Slade participou de apenas um álbum de estúdio, que foi primordial para resgatar o prestígio e o sucesso comercial da banda: *The Razors Edge* (1990).

Nascido no País de Gales em 1946, ele já era um músico tarimbado, tendo tocado e gravado com Tom Jones, Manfred Mann, David Gilmour, Jimmy Page (no The Firm) e Uriah Heep, dentre outros.

Conhecido pela batida pesada e poderosa, Slade cravou seu nome na história do AC/DC ao brilhar em um dos maiores hinos do grupo, "Thunderstruck", e também por sua elogiada performance no ao vivo *Live* (1992). Saiu quando Phil Rudd retomou o posto. — G. G.

Na década de 1980, Stevie Young foi guitarrista da banda Starfighters

Stevie Young

Sobrinho de Malcolm e Angus, Stevie Young foi recrutado quando o primeiro se aposentou devido ao diagnóstico de demência. Ele foi oficializado como guitarrista base do AC/DC em setembro de 2014.

Por ser filho de Stephen Young, o mais velho dentre todos os irmãos Young, Stevie não tem uma diferença de idade tão grande. Nasceu em 1956, em Glasgow, na Escócia, e é apenas um ano mais novo que Angus. Na década de 1980, integrou a banda Starfighters.

A semelhança física com Malcolm sempre foi notória. Em 1988, ele substituiu o tio na turnê do álbum *Blow Up Your Video*, quando o guitarrista se ausentou para tratar de alcoolismo. Na época muita gente nem percebeu o desfalque no âmbito visual. Como membro efetivo, gravou os dois discos mais recentes da banda: *Rock or Bust* (2014) e *Power Up* (2020). — G. G.

FOTOS: BOB KING/REDFERNS, MICK HUTSON/REDFERNS, SCOTT LEGATO/GETTY IMAGES, STEFAN M. PRAGER/REDFERNS, MICHAEL PUTLAND/GETTY IMAGES

Dave Evans

Antecessor de Bon Scott, Dave Evans gravou apenas o primeiro single do AC/DC

Primeiro vocalista do AC/DC, Dave Evans integrou a formação inicial entre 1973 e 1974. Dono de timbre mais agudo e abordagem afeita ao glam rock, registrou apenas o primeiro single "Can I Sit Next to You, Girl" / "Rockin' in the Parlour", antes de ser substituído por Bon Scott. Após ser mandado embora, Evans seguiu com projetos como Rabbit e carreira solo, lançando singles e álbuns independentes ao longo das décadas. Nos últimos anos, valendo-se de seu papel na fase inaugural da banda e, de certa forma, supervalorizando-o, mantém agenda ativa de turnês internacionais, apresentando repertório que inclui clássicos do AC/DC — inclusive músicas lançadas após sua saída. — Marcelo Vieira

George Young

George Young foi fundamental para o AC/DC

Guitarrista, compositor e produtor, George Young foi figura decisiva na gênese do AC/DC. Irmão mais velho de Angus e Malcolm, ganhou projeção nos anos 1960 com o grupo Easybeats — cujo single "Friday on My Mind" alcançou o 13º lugar na parada americana — e, depois, assumiu papel central nos bastidores da banda, produzindo seus primeiros álbuns ao lado de Harry Vanda. Por sugestão de George, o AC/DC recrutou Bon Scott após demitir Dave Evans em 1974. Seu ouvido afiado e senso de arranjo ajudaram a moldar o som que se tornaria marca registrada do grupo. "Sem sua ajuda e orientação, não haveria AC/DC", disse Malcolm à *Rolling Stone*. Morreu em 22 de outubro de 2017, aos 70 anos, por enfisema pulmonar. — M. V.

Robert John "Mutt" Lange

Mutt Lange elevou o grupo a outro patamar

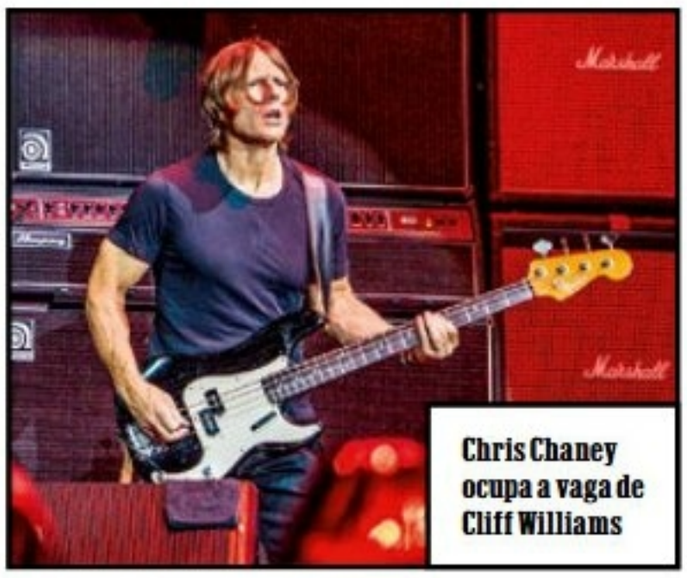
Produtor meticuloso e arquiteto de hits, o sul-africano Robert John "Mutt" Lange foi decisivo para a projeção global do AC/DC. À frente de *Highway to Hell*, *Back in Black* e *For Those About to Rock (We Salute You)*, refinou o som da banda sem suavizar sua força bruta, apostando em precisão rítmica, backing vocals milimetricamente arranjados e uma produção cristalina. O perfeccionismo elevou o hard rock do grupo ao padrão internacional de qualidade e às listas dos mais vendidos em todo o mundo. Fora do AC/DC, assinou clássicos de Def Leppard — incluindo o multiplatinado *Hysteria* (1987) — e Bryan Adams. Foi casado com a cantora Shania Twain entre 1993 e 2010. — M. V.

Os outros Músicos

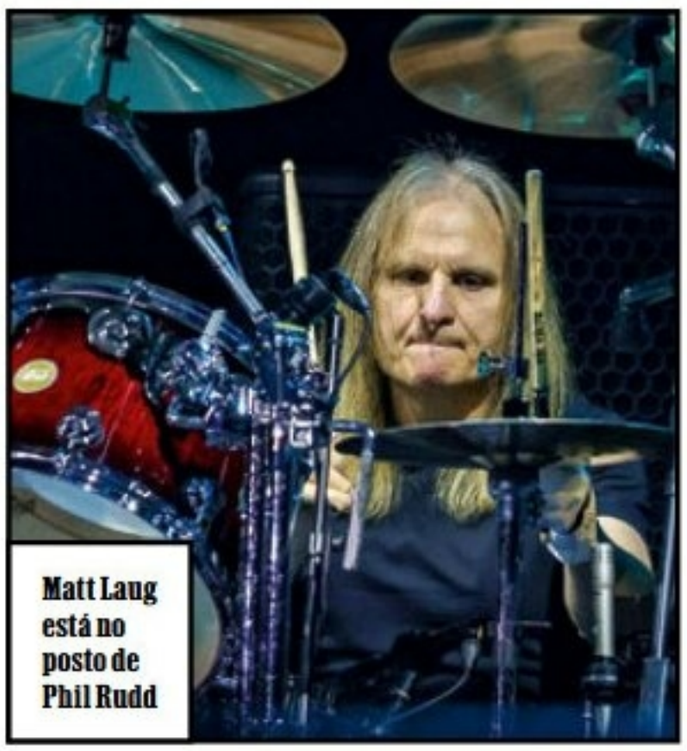
Antes de consolidar sua primeira formação estável — com Mark Evans no baixo e Phil Rudd na bateria — o AC/DC passou por uma verdadeira dança das cadeiras. No posto de baixista, estiveram Larry Van Kriedt, Neil Smith, Rob Bailey e Paul Matters. Já atrás do kit passaram Colin Burgess, Noel Taylor, Peter Clack, Ron Carpenter, Russell Coleman e Tony Currenti.

Anos depois, substituições pontuais também marcaram a trajetória do grupo. Paul Gregg assumiu o baixo em alguns shows da *Razors Edge World Tour*. Bob Richards substituiu Phil Rudd nos videoclipes de "Play Ball" e "Rock or Bust". Em 2016, "um tal de" Axl Rose, do Guns N' Roses, ocupou os vocais nas duas últimas etapas da *Rock or Bust World Tour*, devido a problemas auditivos de Brian Johnson **(leia mais na página 14)**.

Atualmente, a formação ao vivo conta com Chris Chaney (ex-Jane's Addiction) no baixo e Matt Laug (ex-Alice Cooper e ex-Slash's Snakepit) na bateria. — M. V.



Chris Chaney ocupa a vaga de Cliff Williams



Matt Laug está no posto de Phil Rudd

A HISTÓRIA DO AXL/DC

Axl Rose, vocalista do Guns N' Roses e fã de carteirinha, realizou 23 shows com o AC/DC em 2016 após afastamento de Brian Johnson devido a problemas auditivos

Por **Marcelo Vieira**

Quando ainda era o adolescente William Bruce Bailey no Meio-Oeste americano, Axl Rose ouviu "Problem Child", do álbum *Dirty Deeds Done Dirt Cheap*, e teve uma epifania. A música apresentava o AC/DC a um jovem que também se via como um "garoto-problema". Naquele instante, ele prometeu a si mesmo que, um dia, subiria ao palco com aquela banda. O destino levaria quatro décadas para, enfim, cumprir a profecia — e Rose ainda faria questão de devolver ao repertório do grupo a canção que o havia tornado fã.

Em 2016, o AC/DC atravessava um de seus períodos mais turbulentos. Malcolm Young estava aposentado por problemas de saúde; o baterista Phil Rudd havia sido preso e, no meio da turnê de *Rock or Bust*, outro golpe: faltando 23 shows para o fim do giro, Brian Johnson foi orientado por médicos a parar imediatamente, sob risco de perder a audição. Após mais de três décadas à frente da banda, sua saída foi abrupta e pouco cerimoniosa. Foi então que surgiu um herói improvável.

Quando soube da situação, Axl Rose se ofereceu para ajudar a banda a terminar as datas restantes. "Conheço os caras", justificou o cantor a um funcionário da produção do grupo, conforme relato de Angus Young à *Rolling Stone*. "Eles têm comprometimento. Querem fechar essa agenda." Não havia interesse financeiro nem oportunismo — apenas o desejo de ver o guitarrista e seus companheiros concluírem o trabalho.

Angus convidou Axl para um ensaio em Atlanta, onde o grupo já havia testado outros cantores. Ali ficou claro que o vocalista do Guns N' Roses havia feito o dever de casa. "Quais músicas você quer passar?", perguntou Angus. Rose sugeriu "Touch Too Much", faixa de *Highway to Hell*. A resposta surpreendeu: "Negativo... Nós nunca a tiramos". Para Angus, aquilo bastou como prova de que Rose conhecia o repertório a fundo. "Ele é rápido no gatilho", disse o guitarrista, também à *Rolling Stone*, acrescentando que o cantor lhe lembrava Bon Scott pelo humor e pelo espírito rock 'n' roll.

Havia, porém, um complicador. Rose acabara de reunir-se com Slash e Duff McKagan, da formação clássica do Guns N' Roses, para a gigantesca turnê *Not in This Lifetime...*, iniciada em abril de 2016. Ainda assim, insistiu que daria conta de ambos os compromissos. O plano quase descarrilou quando, no show de aquecimento do Guns no clube Troubadour, em Los Angeles, ele caiu e quebrou o pé. A solução veio de Dave Grohl, do Foo Fighters, que emprestou sua famosa "rock throne", uma cadeira de palco motorizada e ornamentada com guitarras que usou após sofrer lesão semelhante. "Agora eu entendo o que o Michael Jackson viu nisso aqui", brincou Rose ao falar com o *NME* sobre o anestésico propofol, que ajudava a lidar com a dor.

Antes mesmo de estrear com o AC/DC, Axl e Angus já haviam testado a parceria no Coachella, em abril. O guitarrista apareceu como convidado no show do Guns N' Roses. A reação do público indicou que a combinação improvável podia funcionar.

O verdadeiro teste veio em 7 de maio de 2016, em Lisboa, quando Rose fez sua estreia oficial com o AC/DC — sentado no trono, tendo o alcance para os agudos e o faro para se dirigir ao público na hora certa. O setlist ganhou mudanças notórias: voltaram "Riff Raff", ausente desde 1979, e "Rock 'n' Roll Damnation", fora do repertório havia 13 anos. Clássicos dos anos 1970, como "Live Wire", "If You Want Blood (You've Got It)" e "Dog Eat Dog", também reapareceram. Simbolicamente, "Problem Child" voltou ao palco após 15 anos.

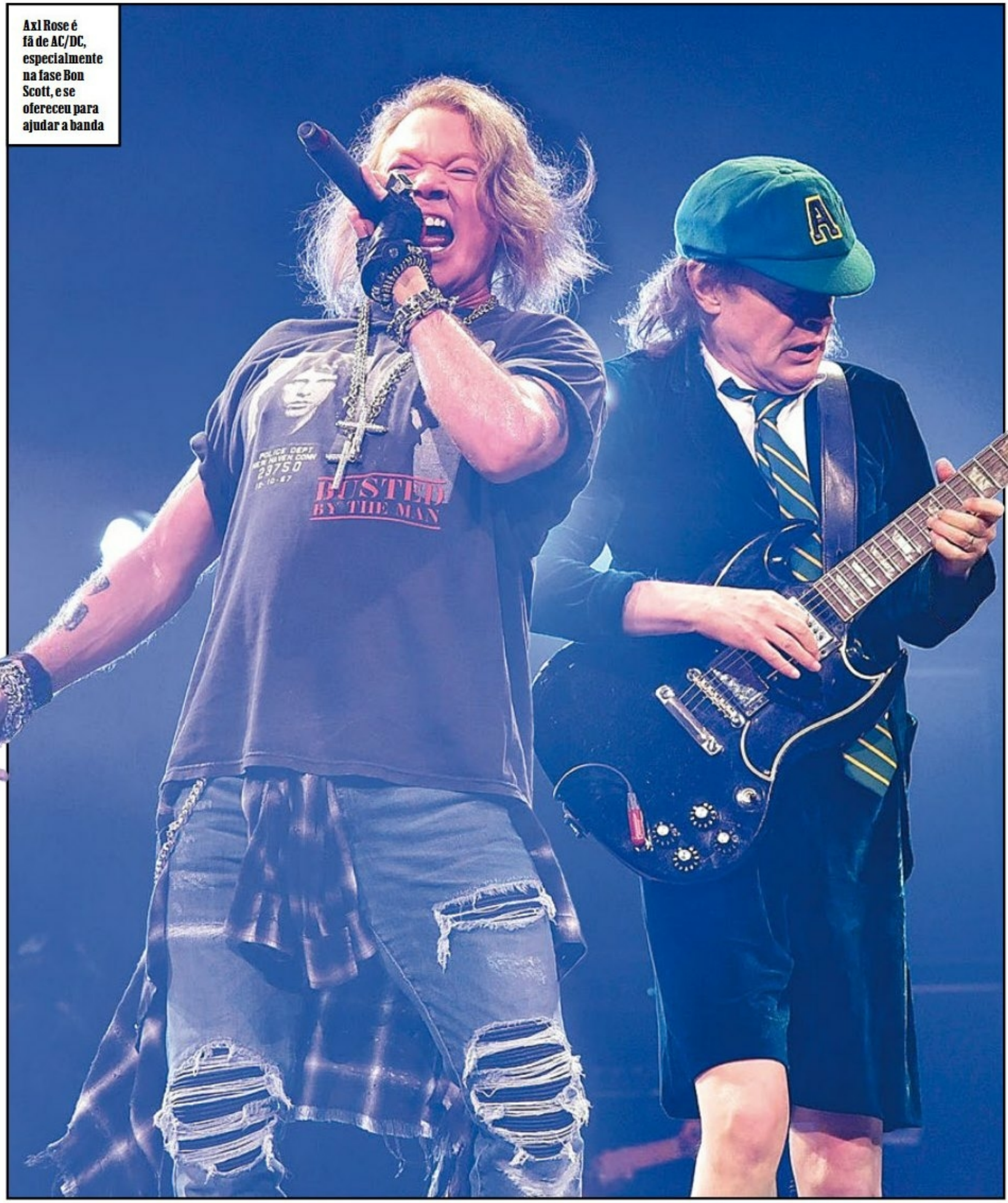
Nos bastidores, Rose, que logo não precisaria mais do trono, surpreendeu pela disciplina. Nada de atrasos monumentais; estudava vídeos antigos antes dos shows e trabalhava o repertório com Angus noite após noite. "Ele se prepara, está pronto para o que der e vier", observou o guitarrista à *RS*.

Até o fim da turnê, as baixas continuariam. O baixista Cliff Williams anunciou aposentadoria. Ainda assim, o AC/DC sobreviveu. A turnê arrecadou cerca de US$ 221 milhões e *Rock or Bust* chegou ao primeiro lugar em 13 países. Ao apagar das luzes, contudo, Angus Young se tornaria o único remanescente do álbum *Back in Black* a seguir na formação — até a improvável reunião em *Power Up*.

Nada de atrasos: Axl Rose se dedicou muito para cantar no AC/DC, segundo Angus Young

FOTOS: LISA LAKE/GETTY IMAGE, GUSTAVO CABALLERO/GETTY IMAGES

Axl Rose é fã de AC/DC, especialmente na fase Bon Scott, e se ofereceu para ajudar a banda



ENTREVISTA

COM A PALAVRA, ANGUS YOUNG

Em 2003, o AC/DC entrou para o Rock and Roll Hall of Fame; Angus Young aproveitou a ocasião para relembrar a jornada do grupo até ser eternizada pela instituição

Por BILL CRANDALL • Fotos KEVIN MAZUR/WIREIMAGE

FOTO: KEVIN MAZUR/WIREIMAGE

Tradução por *Pedro Hollanda*

ANGUS YOUNG

Angus Young durante a 18ª cerimônia do Rock Hall, em 2003

ENTREVISTA

O AC/DC se juntou na Austrália em 1973 com o objetivo de combinar a gritaria de Little Richard com o suingue dos Rolling Stones, porém mais pesados. De fato, sem sucumbir àquela necessidade chata de evoluir musicalmente, o guitarrista Angus Young – o homem que, no seu uniforme escolar famoso, inventou o *headbanging* – e seus companheiros fazem questão que toda canção do AC/DC tenha pegada, o tempo inteiro. • Nem sempre foi fácil. Em 1980, logo quando o AC/DC estava prestes a estourar nos Estados Unidos graças ao seu álbum *Highway to Hell*, o vocalista Bon Scott engasgou no próprio vômito após uma bebedeira. Em 2003, ano da entrada do grupo ao Rock and Roll Hall of Fame, Angus Young refletiu como ele e seu irmão mais velho, o guitarrista base Malcolm, se depararam com uma encruzilhada enorme... e eles escolheram o rock.

Como vocês descobriram sobre sua entrada para o Rock and Roll Hall of Fame?

Um amigo meu me ligou e falou: "Você entrou". E eu respondi: "O quê? Estão aceitando baixinhos no exército agora?" Claro, isso foi de manhã cedo, então minha primeira reação foi que estávamos em guerra e eu achei que não era uma ideia tão ruim – cabe mais gente pequena dentro de um tanque.

Quando você começou essa banda, conseguia imaginar que um dia haveria um Rock and Roll Hall of Fame e você um dia faria parte dele?

Nunca achei que seríamos colocados em nada histórico. Quando começamos como banda, era mais algo dia após dia. Você fazia um show, recebia seu dinheiro e pensava: "Ok, cadê o show de amanhã?" A gente não pensava que passaria do primeiro verão.

Qual você acha que é a chave para vocês estarem na ativa tantos anos depois?

Acho que é principalmente por conta dos fãs. Eles provavelmente tiram mais proveito disso do que a gente, e isso nos faz seguir em frente. E sempre parecem tão felizes – para eles, nos ver é como calçar um par de sapatos confortáveis.

Qual você acha que seria a reação de Bon para essa história toda de Rock and Roll Hall of Fame?

Ele teria dado uma boa risada... e tomado uma. Ele teria dito: "Ei, faço qualquer coisa por cerveja de graça".

Como vocês conseguiram continuar após a morte dele?

Bon era um frontman — e um muito empolgante. Além disso, fora do palco ele era uma figura que você conhecia e amava. A gente sabia que não dá pra substituir isso. Meu irmão me chamou para finalizar as faixas que a gente estava trabalhando na época da morte dele. Ele falou: "Vamos trancar as portas, tirar o telefone do gancho e assim finalizar ao menos o que começamos." Isso foi depois que o nosso empresário da época nos contatou e perguntou: "Estão interessados em ouvir alguém?" A gente pensou no assunto e isso nos deixou ainda mais deprimidos. Mas então percebemos: "Bem, a gente vai precisar de alguém pra cantar as músicas".

Como vocês encontraram Brian Johnson?

Anos antes do Bon morrer, ele, Malcolm e eu estávamos ouvindo alguns discos de rock & roll na Austrália. Bon era muito fã de Little Richard e sempre disse que para um cantor de rock & roll, Little Richard era o ícone. Ele contou uma história pra gente sobre como ele tinha visto Brian num clube em Londres mandando uma música do Little Richard — e aquele momento permaneceu com ele. Então nós pensamos: "Bem, a gente precisa procurar aquele cara primeiro." Quando a gente conheceu Brian, ele nos falou: "É, eu lembro daquele show. Eu estava com apendicite". *[Risos.]*

Se eu nunca tivesse escutado AC/DC antes, como você descreveria a banda?

Como o pior furacão na Flórida. *[Risos.]*

Quantas vezes você já viu pessoas imitando sua sacudida de cabeça?

Jesus. Dá nem pra contar. Hoje em dia, você liga a TV, passa pelos zilhões de canais musicais e vê um monte de gente sacudindo a cabeça. Você até vê as garotas fazendo isso. E elas são mais agradáveis de se ver fazendo isso. *[Risos.]*

Quais músicas do AC/DC que, quando você ouve hoje em dia, ainda não mudaria uma nota sequer?

"Back in Black." Foi um riff que Malcolm tocou. Estávamos na turnê do *Highway to Hell*, ele gravou o riff numa fita cassete e tocou pra mim. Era num violão que Mal levava consigo. Ele perguntou: "O que você acha disso? É ruim? Jogo fora?" Eu respondi: "Não, não joga fora. Se você for jogar fora, dá pra mim que assim eu digo que compus sozinho." [Risos.] "Highway to Hell" também. A gente estava em Miami, sem um tostão furado. Malcolm e eu estávamos tocan-

«Sempre que entrava no quarto, ele [Malcolm] gritava: "Cai fora!" Hoje em dia, para o AC/DC, sempre nos comportamos. É o que nos impede de matar um ao outro»

ANGUS YOUNG

AC/DC nos bastidores da cerimônia no Waldorf Astoria Hotel, NYC

do guitarra num estúdio de ensaio e eu falei: "Acho que tenho uma boa ideia para uma introdução." Era o começo de "Highway to Hell". E ele pulou atrás da bateria e me deu uma batida. Tinha um cara lá trabalhando com a gente e ele levou a fita cassete na qual a gente gravou o riff pra casa, mas deu pro filho, que desenrolou tudo *[risos]*. Bon tinha jeito para consertar fitas quebradas e conseguiu botar de volta no lugar. Então ao menos não perdemos aquela música.

Fale sobre seu relacionamento com Malcolm.

Acho que quando éramos crianças, brigávamos feito cão e gato. Quando começamos a tocar guitarra, ficou ainda pior. Ele não me deixava entrar no quarto dele porque dizia: "Angus tem memória fotográfica: toque um lick pra ele e ele rouba". Sempre que entrava no quarto, ele gritava: "Cai fora!" Hoje em dia, para o AC/DC, sempre nos comportamos. É o que nos impede de matar um ao outro.

Como calhou de você ser o guitarrista solo e ele base?

Nós dois costumávamos tocar solos, mas um dia o Malcolm falou: "Você que toca – solos me impedem de beber". *[Risos.]* Ele costumava me empurrar para a frente do palco e dizer: "O público quer ver um show, você é quem sabe fazer isso direito". Isso provavelmente vem de quando éramos mais jovens, que eu comecei a tocar ao contrário: aprendi solos antes de acordes. Ele começou na base e aos poucos chegou em solos. Mas ele também é muito bom em mandar licks de guitarra. Alguns dos melhores licks, como aquele no começo de "Back in Black", fui eu quem tocou, mas copiando o que ele botou na fita cassete. Ele sempre falava: "Nós dois juntos tocamos como um cara só".

Você planeja tocar no AC/DC até cair duro?

Bem, não até cair duro. Eu não quero subir no palco com uma bolsa de colostomia.

*Pequenas imprecisões do texto original de 2003 foram mantidas.

ARTIGO

QUANDO O AC/DC DEU DE OMBROS À MORTE

Perder Bon Scott não impediu a banda de lançar o álbum de estúdio mais vendido da história do rock. Esta entrevista de 1980 detalha o período

Por **David Fricke**

Estamos em um show da banda australiana de rock AC/DC. Noite de lua cheia. Enquanto seu irmão mais velho e guitarrista rítmico, Malcolm, o baixista Cliff Williams e o baterista Phil Rudd detonam em uma música frenética chamada "Bad Boy Boogie" para 6,1 mil fãs em delírio no imponente Milwaukee Auditorium, nos Estados Unidos, o guitarrista solo Angus Young – vestido com um uniforme escolar de veludo verde, completo com blazer, shorts e gorro – larga a guitarra após um solo ensurdecedor e começa seu striptease.

Primeiro sai o paletó, depois a gravata listrada e, por fim, uma camisa branca encharcada de suor. Enquanto o suor continua a escorrer por seu corpo de pouco mais de 1,50m de altura, Angus se pavoneia como um galo pelo palco, apontando para a virilha com um sorriso lascivo. A multidão grita de prazer, como se dissesse: "Sim, queremos tudo fora!" Então Angus pula no pedestal da bateria de Rudd, vira as costas para a plateia, se inclina e abaixa as calças. Uma fração de segundo depois, com o traseiro à mostra, Angus pega sua guitarra e começa outro solo selvagem, enquanto a multidão de adolescentes pressionada contra o palco ruge em aprovação.

E isso depois de apenas três músicas do show. Antes que essa maratona de 90 minutos termine, o vocalista Brian Johnson solta a voz em grande parte das canções do mais recente sucesso de vendas do AC/DC, *Back in Black*, enquanto Angus percorre o salão nos ombros de um roadie, tocando sua guitarra sem fio e, para o grande final, saltando de uma caixa de som de quase 2 metros de altura. Durante o bis, todos entram na onda de "T.N.T.", gritando "Hoy!" em um coro ao estilo de Nuremberg.

"Milwaukee", grita Johnson no fim do show, com uma voz que poderia arrepiar os pelos do peito a 20 passos de distância, "vocês são sensacionais pra caralho!"

O público retribui o elogio comprando camisetas, regatas, bonés e programas da turnê do AC/DC nas barracas de concessão do Milwaukee Auditorium em número suficiente para estabelecer um novo recorde da casa.

"Eles têm uma lealdade incrível", reflete Brian Johnson no dia seguinte, durante um café da manhã tardio. "Os jovens não querem apenas vir. Eles querem fazer parte disso. Eles querem uma camiseta que diga: 'Eu gosto de AC/DC e brigo com qualquer um que diga o contrário'."

Um inglês corpulento e simpático, raramente visto em público sem um boné xadrez inclinado sobre a testa, Johnson juntou-se ao AC/DC em abril passado, após a morte acidental em Londres, no dia 19 de fevereiro, do vocalista original Bon Scott. Aos 33 anos, Scott morreu por asfixia – engasgando com o próprio vômito após uma noite inteira de bebedeira – e não por intoxicação alcoólica, como foi inicialmente divulgado. Esta é a primeira turnê de Johnson pelos EUA depois de uma década conturbada à frente de sua própria banda, Geordie, e ele está genuinamente impressionado com o poder do AC/DC, bem como com as vendas do álbum *Back in Black*, o sexto da banda pela Atlantic, que alcançou o Top 20. "A garotada simplesmente vai em massa para nos ver", ele exclama com o forte sotaque de sua cidade natal, Newcastle.

A maioria dos críticos não compartilha do entusiasmo dele ou dos fãs. Desde que os irmãos Young, nascidos em Glasgow – e que se mudaram para Sydney, Austrália, com seus pais, irmã e cinco irmãos mais velhos em 1963 – formaram o AC/DC há sete anos, o grupo tem sido impiedosamente criticado como idiotas do heavy metal e seu público como cretinos sem gosto. Apesar das críticas negativas, de uma agenda de shows exaustiva (a turnê atual começou em julho e vai até fevereiro de 1981) e

FOTO: PAUL NATKIN/GETTY IMAGES

Tradução por *Guilherme Gonçalves*

AC/DC

Angus Young em um dos momentos mais célebres dos shows do AC/DC

da morte prematura de Scott, o AC/DC se recusou a desistir. *Back in Black* é a sua justa recompensa. Com o título e a capa totalmente preta concebidos como uma homenagem silenciosa a Scott, o álbum estreou em primeiro lugar nas paradas britânicas e é quase certo que igualará as vendas de platina nos Estados Unidos de *Highway to Hell*, lançado em 1979.

O sucesso estrondoso da banda pode ser atribuído, em parte, ao renascimento do heavy metal que varre os dois países. Mas a única coisa que o AC/DC compartilha com campeões atuais do metal como Ted Nugent, Van Halen e os novatos ingleses Def Leppard, Judas Priest e Saxon é o desprezo universal da crítica. Comparado ao som grosseiro e machista da maioria dos hereges do heavy metal, o som do AC/DC nada mais é do que refrãos agressivamente cativantes, brutalizados por um ritmo boogie acelerado, riffs implacáveis de Malcolm, solos de guitarra virtuosos de Angus e o berro arrepiante de Johnson.

"A gente simplesmente sobe no palco e arrasa", diz Angus, que perde em média um quilo e meio por noite com sua rotina frenética. "Se o amplificador pifar ou a guitarra quebrar, a gente destroça e pega outra. Sempre foi assim com a gente. A gente nem consegue parar pra afinar. A garotada é super agitada. Um ou dois segundos é demais pra eles. Eles precisam daquilo."

Fora dos palcos, Angus Young não parece ser o tipo de cara que se mete em confusão. Em forte contraste com a reputação do AC/DC de encren-

Entrevista originalmente publicada em 30 de outubro de 1980.

ENTREVISTA

AC/DC se reconstruiu com Brian Johnson (à esquerda abaixo)

FOTOS: MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY IMAGES, EBET ROBERTS/REDFERNS, MICHAEL PUTLAND/GETTY IMAGES

AC/DC

queiros, beberrões e mulherengos – em grande parte devido ao conteúdo lírico de músicas como "Sin City", "Kicked in the Teeth" e "What Do You Do for Money Honey" —, Angus é um sujeito quieto e reflexivo, com um sorriso torto, um sotaque escocês apenas um pouco mais inteligível que o de Brian, uma esposa atraente — Ellen, nascida nos Países Baixos — e um vício em chá quente com leite. Da mesma forma, Malcolm não parece nem um pouco ameaçador empurrando um carrinho de bebê com sua filha de quatro meses quanto ao detonar o riff monstruoso de "Hells Bells" em uma guitarra Gretsch White Falcon de corpo largo, quase do tamanho dele.

Mas as histórias sobre o temperamento explosivo e a agilidade nos punhos do AC/DC são lendárias. "É porque sempre ficamos juntos", diz Angus. "Nós, os Youngs, somos todos baixinhos. Chegamos a um show hoje em dia e ainda tem gente nos importunando. Antes, a gente chegava de carro e os seguranças não deixavam a gente entrar. A gente dizia: 'Vamos tocar aqui hoje à noite', mas não dava para convencer metade daquelas pessoas. No fim, a gente simplesmente forçava a entrada."

Para o AC/DC, e para os irmãos Young em particular, a vida sempre foi uma questão de "nós contra eles". Malcolm se lembra de seus primeiros anos de escola em Glasgow como uma série de brigas no pátio da escola. Angus tinha apenas quatro anos quando sua família se mudou para Sydney, mas quando entrou no ensino médio, a reputação de seu irmão mais velho o precedia. "Levei uma surra de vara no primeiro dia", diz ele. "O cara perguntou: 'Qual é o seu nome?' 'Young.' 'Venha aqui, vou fazer de você um exemplo'." Aos 15, Angus recebeu o que ele chama de "uma ótima opção: 'Ou você vai embora ou nós o expulsamos'." Ele foi embora.

A música também era uma tradição na família Young. Malcolm cita seu segundo irmão mais velho, John, como uma grande influência na guitarra. Outro irmão, George, foi membro fundador de um grupo australiano de sucesso dos anos 60, The Easybeats ("Friday on My Mind"). Mais tarde, ele formou uma dupla de produção com Harry Vanda, também integrante dos Easybeats, e os dois ainda gravam juntos como Flash and the Pan. Eles também produziram os quatro primeiros álbuns do AC/DC.

Malcolm e Angus seguiram o exemplo, pegando guitarras e formando suas próprias bandas, com pouco sucesso até que decidiram unir forças em 1973. Desde o início, o grupo se chamava AC/DC e a performance de palco extravagante de Angus fazia parte do show. George incentivava Angus a se soltar até no estúdio. Durante as gravações do segundo álbum americano do grupo, *Let There Be Rock*, os amplificadores começaram a explodir no meio de um solo de Angus, mas George o fez continuar tocando. Com a maior seriedade, George explica: "De jeito nenhum nós íamos interromper uma performance incrível por um problema técnico como amplificadores explodindo." Angus também experimentou vários figurinos diferentes no início da carreira – uma fantasia de gorila, uma roupa de Zorro, até mesmo uma fantasia de Super-Ang – mas o uniforme escolar era uma escolha natural, já que ele tinha apenas 16 anos na época.

Os Youngs passaram por vários bateristas e baixistas, finalmente se estabelecendo com Phil Rudd em 1974 e o inglês Cliff Williams três anos depois. Seu vocalista original foi dispensado dois meses depois, quando descobriram Bon Scott, um escocês que havia sido contratado inicialmente em Adelaide como motorista da banda. Scott cantava com um rosnado lascivo que lembrava Tom Waits em um disco de 78 rotações e era a própria personificação das músicas que cantava. No palco, geralmente usava apenas jeans desbotados que pareciam ter sido aplicados diretamente no corpo e tatuagens que percorriam ambos os braços. A primeira turnê inglesa do AC/DC em 1976 foi anunciada como a turnê "Lock Up Your Daughters" ("protejam suas filhas") em homenagem à sexualidade animalesca de Bon.

> «... os amplificadores começaram a explodir no meio de um solo de Angus, mas George [Young, produtor] o fez continuar tocando. Com a maior seriedade, George explica: "De jeito nenhum nós íamos interromper uma performance incrível por um problema técnico como amplificadores explodindo"»

Angus admite ter ficado profundamente abalado com a morte de Scott, que ocorreu no meio dos ensaios para o novo álbum. "Fiquei triste pelo Bon. Nem pensei na banda. Estivemos com o Bon o tempo todo; o vimos mais do que a própria família dele." Malcolm acrescenta que a ideia de desistir nunca lhe passou pela cabeça. "Pensei: 'Quer saber? Dane-se, não vou ficar me lamentando o ano todo.' Então liguei para o Angus e disse: 'Quer voltar para ensaiar?' Isso foi uns dois dias depois."

"E tenho certeza", continua Angus, "que se tivesse sido um de nós, Bon teria feito o mesmo."

Brian Johnson não se considera um cantor. "Eu nem grito", insiste, apesar das evidências em contrário em *Back in Black*. "É só que quando subo ao palco, eu sinto. É tudo o que consigo fazer." Até Angus Young admite: "Sou um guitarrista péssimo se ficar parado", embora gostaria de ver alguns dos guitarristas mais famosos se saírem melhor. "Eu sei que Robert Fripp [ícone virtuoso da banda prog King Crimson] não consegue tocar um blues de 12 compassos."

Mas se não é a proeza técnica, então o que há no AC/DC e no som bárbaro de álbuns como *Powerage* e o ao vivo *If You Want Blood You've Got It* que atrai o fã médio de rock and roll? Johnson tem uma teoria.

"O mais importante é que a banda não representa nenhuma ameaça para os jovens", argumenta ele, falando para uma garrafa de Löwenbräu em um bar de hotel luxuoso, pouco depois do show em Milwaukee. "A banda não representa nenhuma ameaça no palco e não os menospreza. Eles sabem que seria muito fácil inverter os papéis, com Brian Johnson na plateia, Malcolm Young na plateia e aqueles jovens no meu lugar ou no de Malcolm."

"Eles sabem que a banda está na ativa há cinco anos, cara, e aguentou toda a merda, assim como os jovens aguentaram, e sabem que a banda não tem uma atitude esnobe, não tenta mudar só para ser esperta ou aparecer na imprensa com a Britt Ekland (atriz sueca)."

Johnson provavelmente tem razão. Apesar de todas as críticas maldosas sobre mau gosto e falta de talento, o AC/DC passou de uma banda australiana de bar para uma grande atração de shows, com apenas seus fãs para apoiá-los. Os críticos vão dizer o que quiserem, mas Johnson tem um pequeno teste de gosto que gostaria de fazer com alguns deles.

"Eu gostaria de trancá-los numa cela com música do AC/DC por uma semana", ele gargalha. "Eles vão ficar gritando 'Me soltem, me soltem!'. Aí eu coloco uma semana inteira de disco music – e aposto um tostão furado que eles vão acabar enforcados pelos próprios cintos. Com AC/DC, pelo menos eles vão sair cantando os refrãos."

*Pequenas imprecisões do texto original de 1980 foram mantidas.

UMA CORRENTE DE RECONHECIMENTO

De Paul McCartney a Lady Gaga, personalidades da música — e até do esporte — ressaltam a ascendência da banda australiana dentro do rock

Por **Guilherme Gonçalves**

Há um estalo característico, um milissegundo de estática analógica que precede o primeiro acorde de "Go Down", faixa de abertura do álbum *Let There Be Rock* (1977). Para Dave Mustaine, líder do Megadeth, esse ruído não era apenas o som de uma agulha tocando o vinil; era o som de sua vida mudando.

"Esse disco foi a forma mais pura e crua de velocidade e adrenalina que uma pessoa poderia experimentar sem consumir algum entorpecente. A maioria dos discos flutuava ao meu redor, mas este estava bem na frente do meu nariz."
Dave Mustaine ao *The Quietus*

Ele não foi o único. Essa sensação de proximidade física, de um som que não pede licença e se impõe, acometeu diversos neófitos, de diferentes gerações, ao travarem contato inaugural com a música do AC/DC. Alguns deles já eram — e muitos outros se tornaram — artistas renomados. Em comum, a devoção à importância da banda australiana no rock.

"A jornada do AC/DC, dos pubs australianos aos estádios do mundo todo, tornou-se o teste decisivo do que o rock representa. Acenderam uma chama no coração de cada jovem que cresceu com o desejo de quebrar as regras."
Steven Tyler (Aerosmith) ao introduzir o AC/DC ao Rock and Roll Hall of Fame em 2003

«Gosto de rock e conheço os caras do AC/DC. Eles são barulhentos. Você já os viu ao vivo? Essa é uma das alegrias de estar em uma banda: aumentar o volume da guitarra quanto quiser. Uma sensação tão legal que dá para entender por que alguém montaria um grupo baseado nessa ideia»

Paul McCartney à *GQ*

"Angus é uma máquina que nunca para. Eles são caras realmente incríveis. São meus amigos, pessoas reais. Amo todos eles. Não existe outra banda no mundo como eles. São diretos e autênticos. Sem frescura."
Ozzy Osbourne, em vídeo exibido na estreia do DVD *AC/DC: Live at River Plate* em 2011

FOTOS: KEVIN MAZUR/WIREIMAGE, ETHAN MILLER/GETTY IMAGES, PA IMAGES VIA GETTY IMAGES, ALIAH ANDERSON/GETTY IMAGES, TRISTAR MEDIA/GETTY IMAGES, MARIANO REGIDOR/REDFERNS, KEVIN MAZUR/GETTY IMAGES, NBC/NOAM GALAI/NBC VIA GETTY IMAGES

"Ainda hoje tem um garoto ou garota escutando os acordes de 'Hells Bells' pela primeira vez e sentindo seu mundo mudar, com certeza pra melhor. Mudou o meu."
Andreas Kisser (Sepultura) ao *Omelete*

«AC/DC é a maior banda de rock'n'roll, eles fazem a melhor música. A forma como escolho ver isso [abrir shows deles em 2025] é: esta provavelmente é a última turnê deles, então estão passando o bastão para nós»
Amy Taylor (Amyl and the Sniffers) ao *El País*

"Ouvi Back in Black *pela primeira vez na casa de um amigo. Em 1980, todas as minhas bandas favoritas tinham se separado ou membros tinham morrido. Nada me animava. Do nada, o álbum saiu e foi um grito de guerra pelo rock e heavy metal. Todas as músicas eram boas."*
Slash (Guns N' Roses) ao *Consequence*

«São diferentes do Queen. Éramos muito ecléticos e ultrapassamos limites que existiam. Já o AC/DC é, de certa forma, o oposto. Eles conhecem seu estilo, incrivelmente puro, e tenho um grande respeito por isso. Cada nota que eles tocam é completamente AC/DC»
Brian May (Queen) ao *The Independent*

"Quer ouvir algo engraçado? Eu estava no vídeo de 'Stiff Upper Lip'. Eu tinha 17 anos e era figurante no banco de trás. Eu aparecia batendo cabeça!"
Lady Gaga no *Carpool Karaoke*

"Aos 9 anos, me apaixonei por Queen e Brian May, mas foi Angus Young que me fez pegar uma guitarra. Aquela performance selvagem e rebelde me surpreendeu. Queria ser um guitarrista como ele."
Rafael Bittencourt (Angra) à *Guitar World*

"Bon Scott era uma força da natureza sem camisa, bebendo. Era como um morador de rua louco no palco. Ele nunca teve um brilho de rockstar ou fez espetáculo. Parecia uma expulsão de seus demônios interiores no palco."
Gene Simmons (Kiss) à *Classic Rock*

"Os anos com Bon Scott... uau! Aquele álbum ao vivo, If You Want Blood, é incrível. Algumas músicas são difíceis de cantar, porque Bon tinha uma voz flexível. Misturava características. Uma das minhas favoritas do AC/DC se chama 'Ride On' e tem um belo solo de guitarra."
Bruce Dickinson (Iron Maiden) ao *Qobuz*

"É uma das minhas bandas de cabeceira. Está entre as 10 principais bandas do rock and roll que amo. Assisti ao AC/DC pela primeira vez no Rock in Rio, em 19 de janeiro de 1985."
Walter Casagrande, ex-jogador do Corinthians, em vídeo online

"Highway to Hell é o disco de rock com o som mais natural que já ouvi. Há tão poucos adornos. Nada interfere na dinâmica entre Angus e Malcolm, Cliff e Phil. Para mim, é a personificação do rock and roll. São a maior banda de rock and roll de todos os tempos."
Rick Rubin, produtor, à *Rolling Stone*

"'Hells Bells' [usada por anos para entrada da equipe do São Paulo Futebol Clube em jogos no Morumbi] tem pegada bacana, com batida boa... chego em casa, ligo no último volume e minhas duas filhas dançam. Elas adoram rock n' roll."
Rogério Ceni, ex-jogador do São Paulo, ao site oficial do clube

"AC/DC foi essencial em nossas vidas, foi a banda que nos fez entrar na música pesada. Sempre veneramos e exaltamos essa banda como uma das maiores, senão a maior da história."
Alex Camargo (Krisiun) à *Rolling Stone Brasil*

"Sou um grande fã. Malcolm é o guitarrista base definitivo. Para mim, a guitarra rítmica é o músculo de qualquer banda."
Carlos Santana ao *Music Radar*

"Será um dia triste quando o AC/DC não existir mais, quando você não puder mais ver Angus tocar ao vivo. Nunca haverá outro AC/DC. Mas a música sempre estará por aí."
Joe Perry (Aerosmith) à *Classic Rock*

Bon Scott (mais alto na foto) gravou os vocais nos álbuns dos anos 1970; Brian Johnson ficou a cargo da função nas décadas seguintes

Muitos veículos atribuem a Angus Young esta fala: "Não aguento quando dizem que gravamos 11 álbuns soando iguais — pois, na verdade, foram 12." Ele não poderia estar mais errado. A discografia do AC/DC é repleta de nuances, apresentadas a seguir

DISCOGRAFIA COMENTADA

FOTOS: WEA/ULLSTEIN BILD VIA GETTY IMAGES; DIVULGAÇÃO

*Foram considerados álbuns de estúdio e ao vivo.

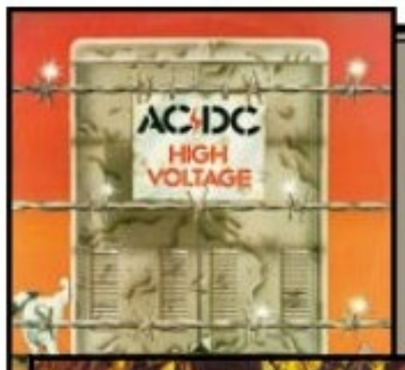
HIGH VOLTAGE

1976

Quando o AC/DC lançou a versão internacional de *High Voltage*, a *Rolling Stone* não recebeu o álbum tão bem. *Guilty*! O jornalista Billy Altman definiu a banda como "campeã do grotesco", lamentou a agressividade de Bon Scott, reclamou dos poucos acordes usados e cravou: "O hard rock atingiu seu ponto mais baixo". Mal imaginava ele que as características criticadas seriam justamente adoradas pelo público.

A edição gringa de *High Voltage* é, praticamente, o segundo disco australiano, *T.N.T.* (1975), com ligeiras alterações. Reúne alguns dos maiores clássicos, como a envolvente abertura "It's a Long Way to the Top (If You Wanna Rock 'n' Roll)" e seu formidável solo de gaita de foles, o blues cadenciado "The Jack", a explosiva "T.N.T." e a poderosa conclusão com a faixa-título. As três últimas se tornaram presença constante nos repertórios de show, até mesmo na fase Brian Johnson.

Claro que o som, um hard rock simplificado e fortemente influenciado por blues e rock and roll, ganharia muita precisão e alguma sofisticação com o desenrolar da carreira. "Nunca entrávamos no estúdio com nada além de um riff", explicou Malcolm à *Metal CD*. "Na verdade, achávamos que um riff era uma música — não sabíamos nada." Ainda assim, *High Voltage* é um senhor cartão de visitas. — Igor Miranda



E LÁ NA AUSTRÁLIA?

High Voltage | Saiu na Austrália com capa e tracklist bem diferentes da internacional, compartilhando apenas "Little Lover" e "She's Got Balls". Traz faixas incluídas globalmente no EP *'74 Jailbreak*, além das raras "Stick Around" e "Love Song".

T.N.T. | Apesar do título, *T.N.T.* é o álbum que mais se aproxima, em tracklist, da edição internacional de *High Voltage*. Sete das nove faixas se repetem. Diferencia-se por "Rocker" e um cover de "School Days", clássico de Chuck Berry.

DIRTY DEEDS DONE DIRT CHEAP

1976/1981

Dirty Deeds Done Dirt Cheap

"Serviços sujos feitos a preço de banana." O nome do segundo disco do AC/DC (na contagem internacional) diz muito sobre a constituição e personalidade da banda, que nasceu quase como uma gangue. Senão, vejamos: dois irmãos delinquentes, um vocalista recém-saído da cadeia e disposição de sobra para arranjar briga. Era basicamente esse o cenário.

No entanto, havia também muito empenho para buscar um lugar ao sol, e a faixa-título indica essa direção. Ela foi o carro-chefe do álbum, que trazia ainda outros bons momentos, como "Love at First Feel" e a subestimada "Ride On", na qual Bon Scott dá um show de interpretação. Por falar no vocalista, seu jeitão era curioso: algo entre a decadência de um hippie tardio e o paradoxo de um punk *bon-vivant*. Além disso, era um antagonista da *"intelligentsia"* no rock e acabou emprestando esse estereótipo à banda.

Numa época dominada por Pink Floyd e soft rock (Eagles, Fleetwood Mac), o AC/DC encarnava o imigrante selvagem destinado ao banimento, e *Dirty Deeds Done Dirt Cheap* sequer foi lançado pela Atlantic nos Estados Unidos no ano original, 1976. Apenas em 1981 a gravadora corrigiu esse erro, dando uma recauchutada e disponibilizando-o com a bela capa da Hipgnosis. — Guilherme Gonçalves

E LÁ NA AUSTRÁLIA?

Traz uma capa icônica com Bon Scott e seu braço "coxa de frango" tatuado, com Angus Young ao seu lado. Inclui a rara "R.I.P. (Rock in Peace)" e edições estendidas da faixa-título e "Ain't No Fun", mas exclui "Love at First Feel".

LET THERE BE ROCK

1977

Não que o AC/DC tenha "achado" seu som aqui, mas *Let There Be Rock* (1977) foi o momento exato da combustão. Para não desperdiçar qualquer faísca de fogo, gravaram praticamente ao vivo em estúdio, sem qualquer preciosismo ou maquiagem. Lançado em pleno ano da explosão do punk, o disco soa tão marginal quanto o novo movimento que surgia nas ruas de Nova York e de Londres, mesmo sem fazer parte dele.

É um álbum cheio de guitarras cortantes, por vezes até desafinadas. Mas quem se importa? Nunca foi sobre perfeição, mas sentimento. Há também um caminhão de metáforas de sangue, suor, sexo, cuspe, traição e delinquência. Basta ver o título de metade das oito canções: "Problem Child", "Overdose", "Hell Ain't a Bad Place to Be", "Dog Eat Dog" e por aí vai.

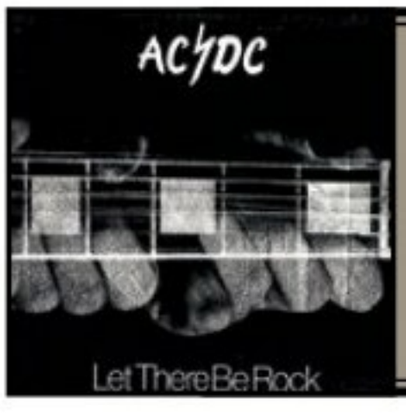
No entanto, coube a outras duas entrar para a prateleira das músicas cruciais do AC/DC: a faixa-título e "Whole Lotta Rosie". A primeira, resumidamente, narra a gênese do rock and roll contada pela ótica (disfuncional) da banda. A segunda opera como uma fábula pitoresca do relacionamento de Bon Scott com uma groupie de 120 quilos chamada Rosie. Ambas se tornaram obrigatórias nas apresentações ao vivo dos australianos.

Let There Be Rock marcou a despedida do baixista Mark Evans e foi também o último dos discos iniciais do AC/DC produzido em parceria por Harry Vanda e George Young, um dos irmãos mais velhos de Malcolm e Angus.

George costumava incitar o caçula a extravasar no estúdio, numa tentativa de capturar a essência indomável que o grupo tinha em cima do palco. Numa dessas ocasiões, quase botaram fogo no local quando um amplificador superaqueceu durante a gravação do solo de Angus na faixa-título.

O jornalista Mick Wall, biógrafo do AC/DC e de bandas como Led Zeppelin, Black Sabbath e Metallica, relata: "Angus mais tarde lembra-se de ter visto fumaça 'saindo da porra de um amplificador' no final da gravação da música 'Let There Be Rock'. George gritava: 'não para!'. O amplificador aguentou até o final da música e depois derreteu. Foi simplesmente um desses trabalhos em que tudo funciona."

Para muitos, *Let There Be Rock* é o primeiro disco perfeito do AC/DC e considerado verdadeiramente um clássico da banda, do início ao fim. — G.G.



E LÁ NA AUSTRÁLIA?

Além da capa distinta, inclui a bluesceira "Crabsody in Blue", uma ode humorística de Bon Scott aos piolhos pubianos. Foi substituída nas edições mundiais por "Problem Child", que havia estado presente em *Dirty Deeds Done Dirt Cheap*.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

POWERAGE

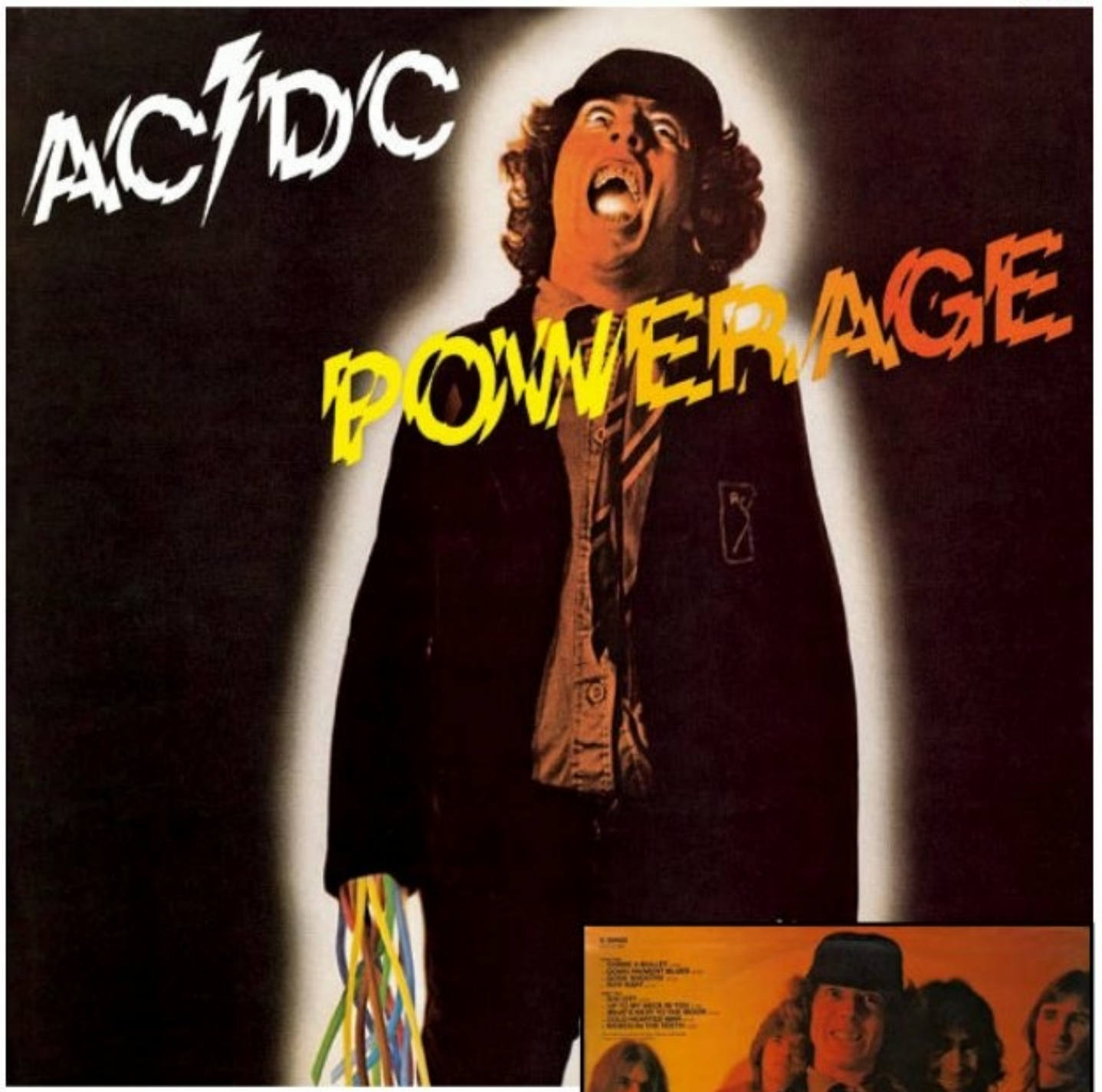
1978

Em 1978, o AC/DC vivia um paradoxo. De um lado, era a força mais avassaladora nos palcos europeus; de outro, sofria uma pressão asfixiante da Atlantic Records, que exigia sucesso comercial nos EUA para justificar o investimento. Foi nesse cenário de "tudo ou nada" que a banda retornou ao Albert Studios, em Sydney, para criar o que viria a ser um disco cultuado por lendas como Keith Richards e Eddie Van Halen.

A atmosfera de *Powerage* é definida por uma transição crucial: a estreia de Cliff Williams. Peça final do quebra-cabeça, trouxe solidez e elegância rítmica que permitiram a Malcolm Young focar na construção de riffs mais complexos. Sob a tutela de Harry Vanda e George Young, o grupo ignorou os pedidos da gravadora por um som mais polido e optou pelo caminho oposto, entregando novamente um álbum gravado quase todo ao vivo no estúdio.

O grande diferencial reside na caneta de Scott. Diferente dos trabalhos anteriores, suas letras estão mais profundas; ele se afasta do personagem "fanfarrão *y* falastrão" para cantar sobre a luta diária de quem não tem um centavo no bolso. Em "Down Payment Blues", Bon entrega talvez sua melhor performance, narrando a humilhação de ter um Cadillac, mas não poder pagar a gasolina. A *verve* narrativa estende-se a "Gone Shootin'" — sobre o drama do vício em heroína — e "Sin City", na qual Las Vegas vira metáfora para a aposta alta que a banda fazia nos EUA (reforçada pela camiseta escrito "Texas" que Phil Rudd ostenta na contracapa). Mas nem tudo é sobriedade: "Up to My Neck in You" é uma ode à bebedeira e às confusões típicas de quando há "muito sangue no álcool", enquanto na agressividade maníaca de "Riff Raff", Angus Young atinge um nível de destreza nos fraseados que beirava o sobrenatural para a época.

A gravadora tentou intervir no último minuto. Temendo que o álbum fosse "pesado demais" — apesar de "Gimme a Bullet" ser uma das raras vezes em que a banda flerta com uma estrutura quase pop —, executivos forçaram a inclusão de "Rock 'n' Roll Damnation", gravada às pressas para servir de single. Mesmo assim, o disco não foi um fenômeno imediato. Foi vendendo gradualmente, à medida que começou a ser reconhecido por trazer a banda no auge de sua química interna, antes que o estrelato global de *Highway to Hell* e o polimento de Mutt Lange mudassem sua trajetória para sempre. — Marcelo Vieira

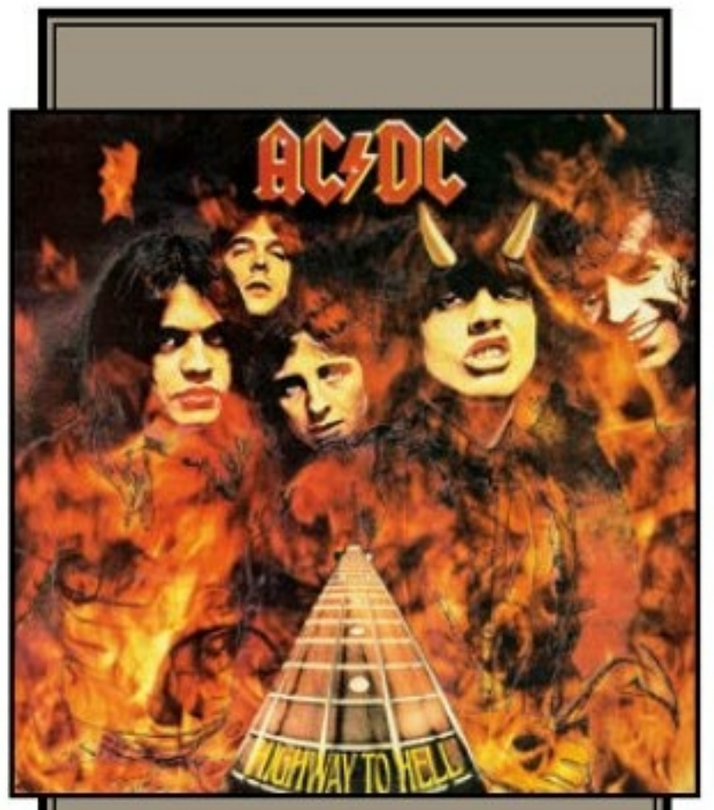


E LÁ NO REINO UNIDO?

Primeiro álbum a trazer a mesma capa globalmente e a sair quase simultaneamente na Austrália e restante do mundo. A rara primeira prensagem britânica traz "Cold Hearted Man", que acabou descartada de todas as edições posteriores.

HIGHWAY TO HELL

1979



E LÁ NA AUSTRÁLIA?

Dispensa qualquer alteração de tracklist. Entretanto, a arte da capa é exclusiva: as chamas e o gráfico que mistura uma estrada ao braço de uma guitarra sobrepõem-se à clássica foto da banda com Angus de chifres.

Em 1979, o AC/DC já contava com público cativo nos Estados Unidos devido às turnês, mas o álbum de sucesso nas paradas não vinha. A Atlantic Records queria o envolvimento de um produtor diferente, capaz de criar um som mais pop. O problema? Desde o início, a banda trabalhava com George Young, irmão mais velho de Malcolm e Angus.

Entretanto, não havia escolha. Após uma tentativa com Eddie Kramer, que causou má impressão, o escolhido foi o então desconhecido Robert John "Mutt" Lange, cujos diferenciais incluíam sua técnica vocal e uma apurada atenção para detalhes. "Ele cuidava da parte comercial enquanto cuidávamos dos riffs, e de alguma forma chegamos a um meio-termo sem nos comprometermos", narra Malcolm Young.

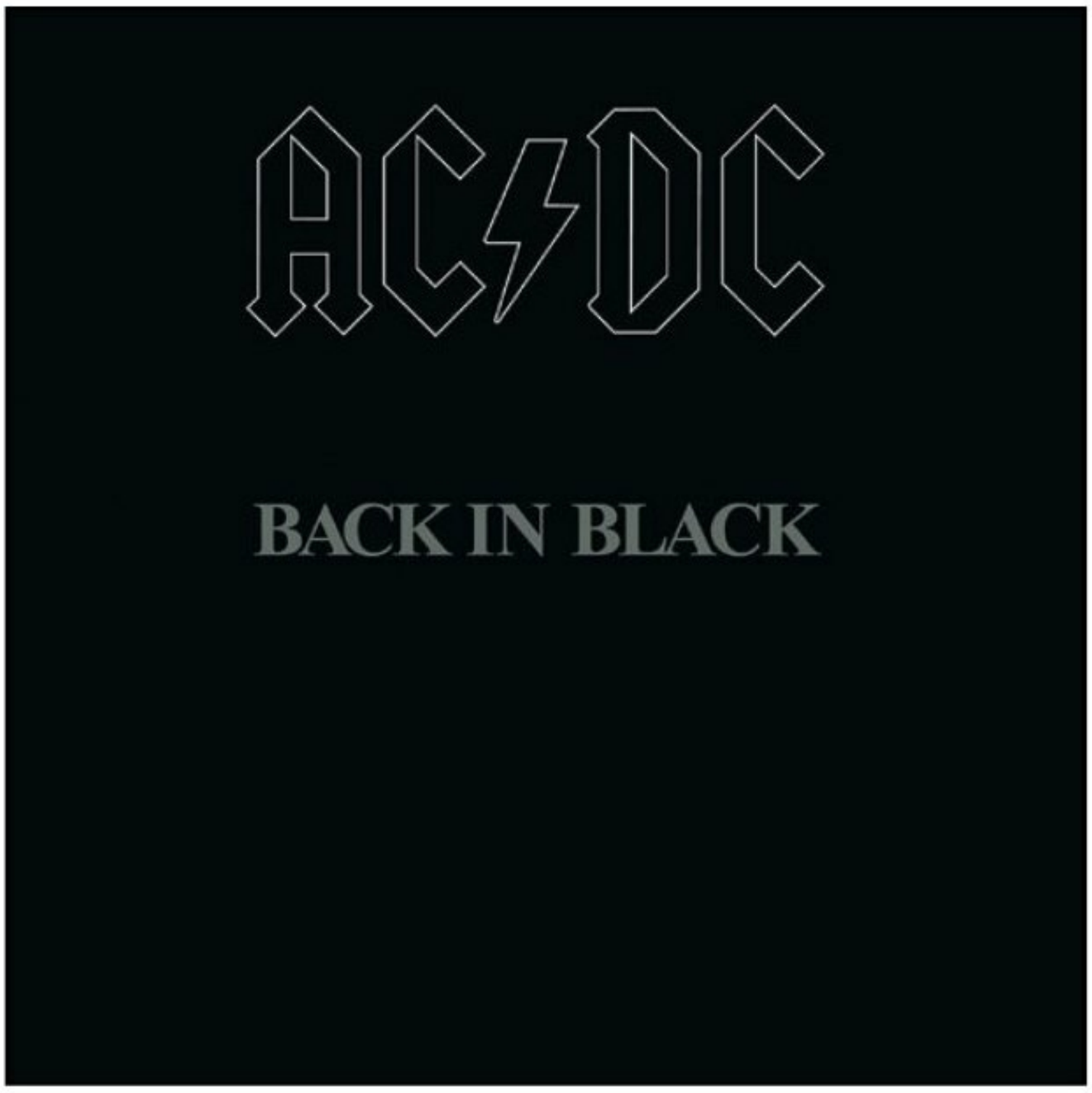
O resultado foi uma evolução sonora. O AC/DC não reinventou a roda: só desenvolveu um jogo de pneus imbatível para a época. Desde o riff que abre a faixa-título, *Highway to Hell* se diferencia pelo equilíbrio entre melodia, peso e sujeira. Os backing vocals estão maiores que nunca, mas não soam como Van Halen. A personalidade da banda fala mais alto.

No centro de tudo, estava Bon Scott. O vocalista havia decidido escrever apenas letras bem-humoradas, então o clima do álbum é de festa. Seja a esbórnia da canção-título, a sacanagem de "Girls Got Rhythm" e "Touch Too Much" ou até a primitividade de "If You Want Blood (You Got It)", toda faixa parecia feita para apelar ao instinto mais básico do ser humano.

Isso não teria tanta graça, contudo, se a música não estivesse no mesmo nível. Malcolm e Angus Young trocam riffs incríveis como se fosse nada. A homenagem a "Oh Well" (Fleetwood Mac) em "Beating Around the Bush" transcende o original a partir da energia do grupo. Este no fim é o diferencial do AC/DC, porque poucos artistas na história do rock conseguem se equiparar.

Enquanto a maior parte dos contemporâneos de hard rock do AC/DC pareciam se distanciar das raízes do rock'n'roll, *Highway to Hell* foi um manifesto de que ainda era possível fazer música inspirada em Little Richard, Jerry Lee Lewis e Chuck Berry sem abdicar do peso ou soar nostálgico. Alguns artistas punks também carregavam essa bandeira, mas nenhum foi tão bem-sucedido quanto o grupo australiano. Isso porque o som desenvolvido neste álbum não está preso no passado. É atemporal. — Pedro Hollanda

FOTOS: DIVULGAÇÃO



BACK IN BLACK

1980

Banda vai além de integrantes e a história do AC/DC comprova. Sem amigos e familiares na busca de convencer do contrário, o grupo teria acabado com a morte de Bon Scott. O pai do cantor foi determinante para fazer a mente dos Young. "Ele nos disse para continuar, pois éramos jovens e estávamos prestes a alcançar o sucesso", contou Angus à revista *Classic Rock*.

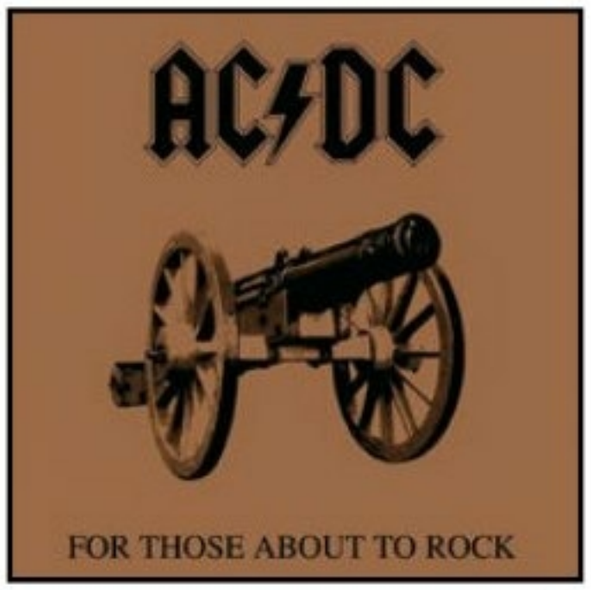
Pragmáticos, os irmãos iniciaram audições para novo vocalista logo após o funeral de Scott, em 1º de março de 1980. Menos de um mês depois, efetivaram Brian Johnson. Trabalharam no próximo álbum entre abril e maio. Em 25 de julho, menos de um semestre após perder Bon, *Back in Black* já estava nas lojas dos EUA.

Nada de correria. Havia pressão, mas rolou naturalmente. Algumas músicas já existiam em demos (Scott toca bateria em versões iniciais de "Let Me Put My Love into You" e "Have a Drink on Me") ou ideias, e os Young estavam inspirados ao conceber o restante. Johnson caiu como uma luva. Repetir o polido e perfeccionista Mutt Lange na função de produtor se mostrou uma boa decisão.

Até gravar em um local nas Bahamas que mal parecia um estúdio (Compass Point Studios) na época de fortes tempestades foi um acerto: as condições climáticas destravaram um bloqueio criativo de Brian, levando aos versos iniciais de "Hells Bells" com menções a trovão, chuva, furacão e relâmpago. Após tudo dar errado, tudo deu certo.

O resultado é o álbum mais comercializado da história do rock, com 50 milhões de cópias a nível global, e um dos trabalhos mais influentes de todos os tempos. *Back in Black* virou modelo para inúmeras bandas de som pesado, a ponto de inspirar diretamente o Metallica no *Black Album* (1991), o recordista de vendas do heavy metal.

Ouça as 10 faixas aqui reunidas para entender tamanho sucesso. Quem brada sobre o AC/DC soar repetitivo nunca escutou *Back in Black* com atenção. O peso e a cadência de "Hells Bells" contrastam com o perfume soul de "Let Me Put My Love Into You". "Shoot to Thrill" tem variação de clima com sua "queda" no meio. "You Shook Me All Night Long" é quase balada, mas sem perder o balanço. E, claro, a faixa-título compila todos os elementos que tornam este grupo irresistível: riffs cortantes, solos surpreendentemente melódicos, groove amarradíssimo e vocais gritando letras no limiar da arrogância. Eles voltaram — e, conforme antecipado no verso "esqueça o velório pois jamais morrerei", nunca mais nos deixaram. — I. M.



FOR THOSE ABOUT TO ROCK (WE SALUTE YOU) 1981

Como suceder um álbum como *Back in Black* (1980)? Qualquer que seja a régua usada para medir, ficará aquém. Dito isso, é preciso deixar claro que *For Those About to Rock We Salute You* (1981) não é subestimado: ele realmente não se aproxima dos três antecessores.

Ainda há, claro, lampejos de genialidade. Muitas bandas dariam a vida para ter um hino como a faixa-título. Porém, convenhamos: ela é quase uma ilha num deserto de ideias recicladas. Talvez apenas "Evil Walks" e "Spellbound" também sejam acima da média.

Os problemas? Para além dos conflitos já existentes entre banda e o produtor Robert John "Mutt" Lange — marcando a ruptura entre ambos —, o processo de gravação levou "uma eternidade", segundo Malcolm Young. "No fim, estávamos de saco cheio." — G. G.

FLICK OF THE SWITCH 1983

Imagine dois garotos que, após anos de rigorosa dieta, recebem a chave da loja de doces. *Flick of the Switch* é o saldo da "festa". Em 1983, os irmãos Young decidiram que não precisavam mais de "babás" (produtores), demitiram Mutt Lange e assumiram o controle. Livres, ignoraram a regra de "não comer sobremesa antes do jantar".

Músicas como "Landslide" mostram o AC/DC tocando mais rápido e pesado do que o mercado permitia. Por um lado, não havia ninguém para exigir 50 takes de uma batida de caixa; por outro, a falta de um "adulto" facilitou atritos, culminando na saída do baterista Phil Rudd.

Há bons momentos — como a sinistra "This House is on Fire" e o ataque sonoro de "Guns for Hire" —, mas faltou hit, o que resultou em vendas bem menores que os antecessores. *Flick* é o AC/DC sem glúten, mesmo que isso tenha lhes custado o topo das paradas. — M. V.

FLY ON THE WALL 1985

Após *Flick*, qualquer general sensato teria buscado novas alianças ou refeito a tática. Mas Angus e Malcolm decidiram manter-se na mesma posição, acreditando que a pureza da causa era superior à eficácia da tecnologia dominante na produção de discos da época.

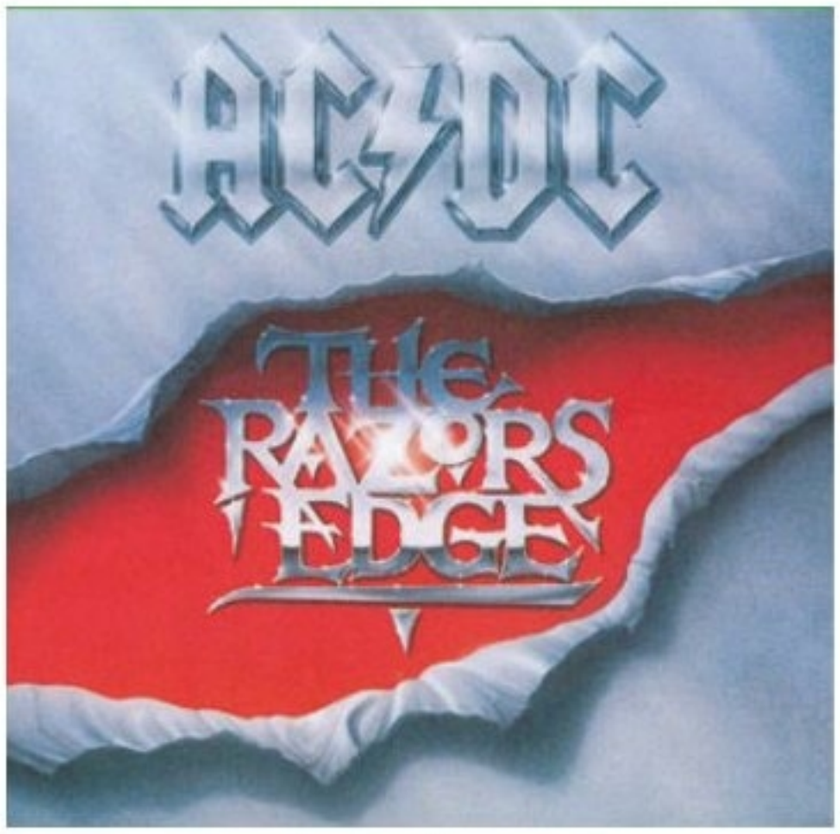
Antes a falta de uma boa mixagem fosse o único problema de *Fly on the Wall*, estreia de Simon Wright na bateria. O repertório é sofrível, com fortes candidatas a pior música do AC/DC. Mal dá para entender o que Brian Johnson canta — isso, verdade seja dita, é um alento, dado o conteúdo lírico.

Os singles "Sink the Pink" e "Shake Your Foundations" refletem o auge do machismo do hard rock dos anos 80. O título da primeira é uma gíria de baixo calão para o ato sexual; na segunda, metáforas da construção civil são utilizadas para reduzir o corpo feminino a objeto de prazer descartável. — M. V.

BLOW UP YOUR VIDEO 1988

Ciente do equívoco que foi *Fly on the Wall*, o AC/DC voltou a ter, após quase uma década, Harry Vanda e George Young como produtores nas três músicas inéditas do disco de trilha sonora *Who Made Who* (1986). A faixa-título marcou uma recuperação da boa forma do grupo e a intenção era manter isso em *Blow Up Your Video*, último com o baterista Simon Wright. Em partes, deu certo. Embora sofra com uma sonoridade datada dos anos 1980, o álbum traz momentos satisfatórios, quase todos eles no início: o semi-hit "Heatseeker", a básica "That's the Way I Wanna Rock 'n' Roll" e a curiosamente funky "Meanstreak". Mas perde força em seu desenrolar, talvez, por Malcolm Young estar lidando com o alcoolismo no período — em parte da turnê, o guitarrista, líder e motor criativo chegou a ser substituído pelo sobrinho Stevie enquanto se tratava. — I. M.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



THE RAZORS EDGE 1990

Não tem como falar de *The Razors Edge* (1990), único produzido por Bruce Fairbairn e com Chris Slade na bateria, de outra maneira: é o álbum de "Thunderstruck". Dona de uma lendária introdução de guitarra feita por Angus Young sob gritos de "THUN-DER!", a música é tão popular a ponto de figurar em grandes eventos esportivos e ter se tornado um dos singles mais vendidos da história.

"Are You Ready" não fica atrás. Tanto que serviu de tema para o programa de luta livre *WWE Smackdown* entre 2019 e 2022 e de trilha para um comercial da Copa do Mundo de 2018. Outro clássico, "Moneytalks" é um boogie sensacional à moda Rolling Stones no qual Brian Johnson canta sobre uma mulher interessada nele somente pelo dinheiro. A inspiração para a letra de Angus e Malcolm? O próprio divórcio do vocalista. — P. H.

BALLBREAKER 1995

Ballbreaker esteve cercado de expectativa. O AC/DC já havia recuperado parte de seu prestígio com *The Razors Edge* (1990) e tinha colocado na mesa outros dois trunfos: o retorno do baterista Phil Rudd após mais de uma década e a chegada do requisitado produtor Rick Rubin.

Fã dos australianos, Rubin vinha de obras aclamadas com Slayer, Beastie Boys e Red Hot Chili Peppers. Na prática, a química com os irmãos não foi das melhores. Não houve consenso na escolha do estúdio, e Rubin trabalhava ao mesmo tempo com outros grupos — além de ter um método exaustivo de repetição de takes. No futuro, Malcolm diria que a escolha pelo produtor foi um erro.

De fato, o álbum ficou aquém do esperado. É bom, mas não agregou clássicos ao repertório da banda e soou até anacrônico numa época pautada por grunge e rock alternativo. — G. G.

STIFF UPPER LIP 2000

Lançado dias após o 25º aniversário da estreia australiana do AC/DC, *High Voltage*, *Stiff Upper Lip* é uma volta ao básico sob a batuta do produtor George Young, mas sem Harry Vanda. "Sem querer desmerecer Harry, mas desta vez foi muito mais ágil", diz Brian Johnson à *Guitar World*. "Detesto ficar esperando pela próxima decisão."

Aqui, após décadas de refinamento do seu hard rock, o grupo incorporou elementos de blues mais explícitos ao som. Vez ou outra chegam a soar como os contemporâneos do ZZ Top. Houve espaço até para Malcolm Young gravar um raro solo, em "Can't Stand Still" — e se saiu tão bem quanto na base. Outros destaques são o safadíssimo blues "Meltdown" e a faixa-título, atualmente parte dos setlists ao vivo da banda. — P. H.

BLACK ICE 2008

Era hora de reabrir o museu. Para isso, o AC/DC convocou o melhor arquiteto do mundo — o produtor Brendan O'Brien — para modernizar fundações já tombadas pelo patrimônio do rock. Daí *Black Ice* ser enorme — inclusive em duração, com 15 faixas somando quase 1h —, soar imponente, estar carregado de hits em potencial e parecer feito sob medida para impressionar a molecada.

Em 2008, com a indústria fonográfica em colapso devido à pirataria e ao streaming incipiente, o grupo lançou seu 15º álbum de estúdio exclusivamente em lojas físicas (como a rede Walmart, nos EUA). Provou-se que, quando o produto é bem-acabado, o público ainda faz fila: sucesso comercial que estreou em 1º lugar em 29 países. Em um mundo que já não comprava CDs, vendeu milhões de cópias em poucas semanas.

"War Machine" venceu um Grammy e entrou na trilha do filme *Homem de Ferro 2* (2010), mas está longe de ser tão empolgante quanto o carro-chefe "Rock 'N' Roll Train" ou de chamar tanto a atenção quanto a blueseira "Stormy May Day", cujo riff de slide chega a ser hipnótico de tão magistral. — M. V.

ROCK OR BUST 2014

Em abril de 2014, o AC/DC anunciou o afastamento de Malcolm Young em função de problemas de saúde. Para qualquer outra banda, isso seria suficiente para justificar o fim da carreira ou ao menos um longo hiato, mas o grupo australiano seguiu em frente e começou a gravar um álbum já no mês seguinte. A vaga foi ocupada por Stevie Young, sobrinho de Angus e do músico egresso — que se aposentou em definitivo em setembro daquele ano devido a um diagnóstico de demência.

Rock or Bust foi construído por Angus Young a partir de material que Malcolm e ele desenvolveram em anos anteriores. Portanto, a pegada do guitarrista base no repertório ainda é forte. Em músicas como "Play Ball" e "Hard Times", a magia musical de tempos anteriores faz suas aparições.

Entretanto, a produção de Brendan O'Brien desequilibrou o som e os vocais foram afogados na mixagem. Além disso, as letras soam especialmente sem inspiração desta vez. Até o processo de gravação da bateria foi tumultuado, pois Phil Rudd, que logo viria a ter problemas judiciais, atrasou para ir ao estúdio e quase foi substituído.

Os melhores momentos de *Rock or Bust* mostram como o AC/DC ainda é capaz de transcender clichês para criar algo empolgante. O problema é: em boa parte do álbum, a banda não consegue fazer isso. — P. H.

POWER UP 2020

Em novembro de 2017, quando Malcolm Young faleceu — semanas após o irmão George —, Angus Young era o único remanescente da segunda formação clássica do AC/DC. Brian Johnson lidava com problema auditivo, Cliff Williams havia se aposentado e Phil Rudd seguia encrencado com a Justiça.

Quis o destino que este quarteto, novamente com Stevie Young substituindo o tio, gravasse mais um álbum: *Power Up*, que é, ao lado de *Back in Black*, a prova máxima da resiliência do AC/DC. Retornaram quando ninguém esperava, desafiando até mesmo um diagnóstico de surdez. E fizeram disso "uma homenagem a Malcolm como *Back in Black* foi a Bon Scott", conforme Angus explicou à *Rolling Stone*.

Power Up nasceu de riffs deixados pelo guitarrista rítmico, logo, a sonoridade clássica do grupo se mantém praticamente intacta. De diferente, apenas a evolução da dinâmica entre Angus e Stevie, iniciada em *Rock or Bust*, e a presença da melódica "Through the Mists of Time", talvez a única sinalização de luto na tracklist. O resto é AC/DC puro: da frenética abertura "Realize" ao imponente encerramento "Code Red", passando por destaques como a despojada "Kick You When You're Down", a climática "Demon Fire" e a bluesy "No Man's Land". Malcolm ficaria feliz com este tributo. — I. M.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

AO VIVO

IF YOU WANT BLOOD 1978

Menos de seis meses após *Powerage*, a Atlantic Records pôs nas lojas o primeiro ao vivo do AC/DC. *If You Want Blood You've Got It* foi gravado em 30 de abril de 1978, em Glasgow, Escócia, e flagra a banda no auge da era Bon Scott, consolidando versões quase definitivas de "Riff Raff" — "uma verdadeira música para bater o pé", segundo Angus Young —, "Whole Lotta Rosie" e "Let There Be Rock".

A capa, com Angus empalado pela própria guitarra, sintetiza a rotina extenuante desde 1974. Mais que registro de turnê, é, como definiu o biógrafo Murray Engleheart, "gladiatório", figurando entre os grandes ao vivo do rock. — M. V.

LIVE 1992

Construído a partir de 5 shows da turnê *The Razors Edge* — Rússia, Canadá, Escócia e duas datas na Inglaterra —, entre abril e setembro de 1991, *Live* captura o AC/DC em seu auge ao vivo durante a fase Brian Johnson. O foco está no material gravado por Johnson, com versões definitivas para "Who Made Who", "Heatseeker" e "Moneytalks", mas alguns clássicos da era Bon Scott ainda surgem.

O material chegou em versões simples e dupla, neste caso com as extras "Sin City", "Fire Your Guns", "Jailbreak", "The Razors Edge", "Are You Ready", "That's the Way...", "High Voltage" e "Let There Be Rock", além da folclórica "Bonny". Impressiona a qualidade da performance, aqui com Chris Slade na vaga de Phil Rudd, e do som capturado. Algumas músicas ganham nova dimensão graças à falta de amarras do estúdio. Acusações de *overdub* à parte, *Live* tem o suingue associado a um grande show. — P. H. E I. M.

LIVE AT RIVER PLATE 2012

Live at River Plate fecha com excelência a tríade de ao vivos do AC/DC. A banda estava na estrada com a *Black Ice World Tour*. A gravação foi em Buenos Aires, no dia 4 de dezembro de 2009, e a escolha do local não poderia ter sido melhor: o estádio Monumental, palco da final da Copa do Mundo de 1978, que sagrou a seleção argentina campeã mundial pela primeira vez. Ensandecido, o público dá um show à parte, o que fica ainda mais claro no DVD.

Versões inspiradas para "Whole Lotta Rosie", "T.N.T" e até as novas "Rock 'n' Roll Train" e "Big Jack" provam que o grupo continuava imbatível no palco, apesar do desgaste natural da idade. Malcolm, aliás, demonstrava nos bastidores os primeiros sinais de demência, embora o diagnóstico tenha sido revelado aos fãs só em 2014. Foi o último registro da mente que arquitetou e liderou o AC/DC com brilhantismo por décadas. — G. G.

TRÊS VISITAS EM ALTÍSSIMA VOLTAGEM

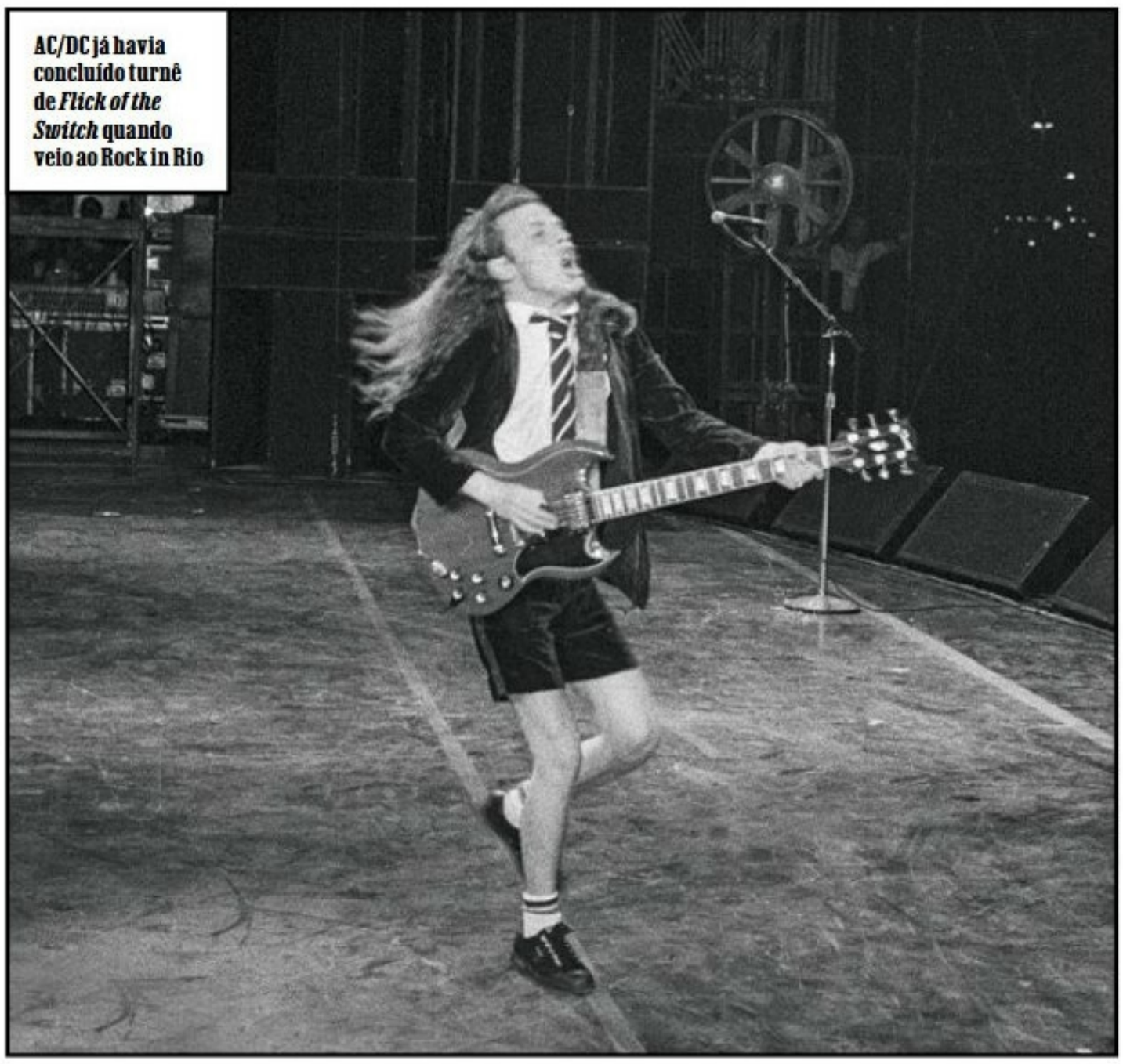
Do choque cultural de 1985 ao espetáculo milionário de 2009, AC/DC ofereceu verdadeiros rituais roqueiros em suas viagens anteriores ao Brasil

Por **Marcelo Vieira**

Quando o AC/DC pisa em solo brasileiro, não se trata apenas de mais um show: é um ritual com iconografia própria, comunhão coletiva e muita disputa pelos ingressos. Desde a estreia no Rock in Rio de 1985, passando pela turnê de *Ballbreaker* em 1996 até o espetáculo monumental de *Black Ice* no Morumbi, em 2009, a banda construiu no Brasil uma trajetória marcada por multidões, bastidores improváveis — alguns impagáveis — e performances que atravessam gerações, como a tradição oral de povos antigos: histórias transmitidas de pai para filho através da fala e, sobretudo, da música. As visitas anteriores a 2026 ocorreram em três momentos distintos, unidos pela mesma descarga elétrica — e pela certeza de que cada visita poderia ser a última.

FOTO: DAVE HOGAN/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

E-D: Brian Johnson, Cliff Williams, Simon Wright, Angus Young e Malcolm Young na praia de Ipanema, 1985



AC/DC já havia concluído turnê de *Flick of the Switch* quando veio ao Rock in Rio

1985: A ESTREIA HISTÓRICA NO ROCK IN RIO

Em dezembro de 1984, chegou às bancas de jornal o *Guia Oficial do Festival Rock in Rio*, com "Tudo sobre o maior concerto de rock do mundo". Duas das 120 páginas da publicação eram dedicadas ao AC/DC, definido por José Emílio Rondeau como "o príncipe da pauleira" e "uma das cinco melhores bandas de heavy metal [do mundo]". O texto destaca o fato de o grupo vir da Austrália — "terra dos cangurus e aborígenes" — e sua fórmula de "peso, sexo e ocultismo (!?)" ter permanecido inalterada apesar da mudança de vocalista.

Mais de quatro décadas depois, ainda há quem se surpreenda ao lembrar que o AC/DC esteve no primeiro Rock in Rio, evento que reposicionou o Brasil na rota dos grandes espetáculos internacionais. Muitos artistas visitavam o país pela primeira vez — incluindo os irmãos Angus e Malcolm Young e companhia. O quinteto completo por Brian Johnson (voz), Cliff Williams (baixo) e Simon Wright (bateria) foi *headliner* em duas noites: 15 e 19 de janeiro. No primeiro show, encerrou a programação após apresentações de Kid Abelha e os Abóboras Selvagens, Eduardo Dusek, Barão Vermelho e Scorpions, diante de cerca de 250 mil pessoas. Quatro dias depois, na chamada "noite do metal", voltou ao palco após Baby Consuelo + Pepeu Gomes, Whitesnake, Ozzy Osbourne e novamente Scorpions, tocando para um público estimado em 280 mil fãs.

Os ingressos, que começaram a ser vendidos em outubro de 1984, custavam entre 18 mil e 20 mil cruzeiros, chegando a 28 mil às vésperas do festival. Considerando a inflação acumulada, isso equivaleria hoje a algo entre R$ 100 e R$ 150. Na época, o salário-mínimo girava em torno de 166 mil cruzeiros. As entradas eram impressas e comercializadas em agências do Banco do Brasil.

Em tese, as apresentações do AC/DC não integravam uma turnê formal. O giro de divulgação de *Flick of the Switch* já havia sido encerrado, e a banda interrompeu temporariamente as gravações do disco seguinte, *Fly on the Wall*, apenas para cumprir a agenda no Rio.

O repertório priorizou clássicos. "Back in Black", "Hells Bells", "The Jack", "Dirty Deeds Done Dirt Cheap", "Highway to Hell" e "Whole Lotta Rosie" conduziram a massa. Curiosamente, apenas uma faixa de *Flick of the Switch* foi executada: a abertura "Guns for Hire". Houve ainda espaço para "Jailbreak", tocada pela primeira vez desde 1977. O EP *'74 Jailbreak* havia sido lançado em outubro de 1984, reacendendo o interesse pela música datada dos primórdios do grupo — e foi no Rock in Rio que ela ganhou sua primeira execução ao vivo com Brian Johnson nos vocais. Na segunda noite, o setlist precisou ser enxugado e justo "Jailbreak" esteve entre as excluídas.

SINO, SUNGA E IRRITAÇÃO

Uma história de bastidores se tornou lendária. Em contrato, a banda exigiu que o cenário completo estivesse disponível, incluindo dois canhões, dezessete baterias de fogos montadas nas laterais do palco e o sino que desceria do teto durante "Hells Bells". O problema: o sino original pesava cerca de duas toneladas — embora suas badaladas fossem reproduzidas eletronicamente. Transportado de navio, enfrentou entraves alfandegários e, na montagem, constatou-se que o palco não suportaria o peso.

Sem comunicar o restante da produção, o cenógrafo Mário Monteiro fez um molde da peça e, com equipe ligada à TV Globo, produziu um "clone" de isopor e gesso. O sino original permaneceu guardado. As duas apresentações transcorreram sem que público ou banda suspeitassem. Após o segundo show, Monteiro revelou o truque. Longe de reagir mal, a produção do AC/DC pediu para levar o sino falso como presente — não era a primeira vez que enfrentavam problema semelhante.

Em *Rock in Rio: A história* (Globo Livros, 2022), Luiz Felipe Carneiro conta que, apesar do sucesso dos shows do AC/DC, Angus odiou essa primeira visita ao Brasil. O guitarrista ficou "extremamente irritado com o movimento dos fãs", mas deu a desculpa de que a cama do Copacabana Palace, onde estava hospedado, era pequena demais e se mandou, junto com a mulher, para o mais reservado Sheraton.

Ainda assim, o que causou asco a ele foram, segundo Carneiro, "a pobreza e o alto índice de mendicância". "Angus viveu um imenso choque cultural, a ponto de mal sair do quarto do hotel durante sua estada no Rio." Também escalado para o festival, Ozzy Osbourne reclamou da mesma razão ao jornalista Mick Wall, dizendo a ele: "Acho o Rio uma porra de uma merda. A comida é horrível, você não pode beber a água

FOTOS: MURRAY/DAILY MIRROR/MIRRORPIX/GETTY IMAGES, SIMON GREENER/MIRRORPIX/GETTY IMAGES

e eu não posso sair do hotel, porque senão vou ser assaltado. Ficarei feliz quando for embora."

Uma das poucas saídas de Angus, porém, rendeu uma das imagens mais icônicas de sua carreira. Em trajes de banho, ele e os colegas posaram, em clima descontraído, tendo a orla do Rio de Janeiro como pano de fundo.

As coletivas de imprensa realizadas em Ipanema também evidenciaram o choque cultural. Ao ser questionado se havia ali uma troca em curso, Brian respondeu: "Bem, eu acho que sim [...] Pela primeira vez, a garotada (do Brasil) se interessou por algo diferente, sabe? Eles descobriram o rock 'n' roll uns 30 anos atrasados, mas antes tarde do que nunca, né?" E completou: "Só espero que todos esses jovens brasileiros não saiam correndo para comprar calças de lycra. Eu não aguento mais (roqueiros com) calças de lycra."

SETLIST ROCK IN RIO 1º SHOW

1. Guns for Hire
2. Shoot to Thrill
3. Sin City
4. Shot Down in Flames
5. Back in Black
6. Have a Drink on Me
7. Bad Boy Boogie
8. Rock and Roll Ain't
9. Noise Pollution
10. Hells Bells
11. The Jack
12. Jailbreak
13. Dirty Deeds Done Dirt Cheap
14. Highway to Hell
15. Whole Lotta Rosie
16. Let There Be Rock

Bis:
17. T.N.T.
18. For Those About to Rock (We Salute You)

SETLIST ROCK IN RIO 2º SHOW

1. Guns for Hire
2. Shoot to Thrill
3. Sin City
4. Back in Black
5. Have a Drink on Me
6. Bad Boy Boogie
7. Rock and Roll Ain't
8. Noise Pollution
9. Hells Bells
10. Dirty Deeds Done Dirt Cheap
11. Highway to Hell
12. Whole Lotta Rosie
13. Let There Be Rock

Bis:
14. T.N.T.
15. For Those About to Rock (We Salute You)

Angus Young e Brian Johnson na turnê *Ballbreaker*, com mais de 150 shows em 1996

1996: A DEMOLIÇÃO MAIS LOW PROFILE DE TODOS OS TEMPOS

Quando o AC/DC desembarcou no Brasil em outubro de 1996, a palavra de ordem era discrição. A banda chegou na véspera do primeiro dos dois shows previstos para o país tentando manter distância dos fãs e da imprensa — cada integrante veio em um voo diferente e não houve entrevistas coletivas. Nem mesmo os produtores brasileiros foram avisados da aterrissagem em Curitiba, ao meio-dia da quinta-feira (10), vinda da Nova Zelândia. Do aeroporto, os caras seguiram direto para o hotel.

Apesar da estratégia *low profile*, houve contato pontual com o público e distribuição de autógrafos no saguão do hotel. A passagem pela capital paranaense, segundo reportagem de época da *Folha de S.Paulo*, incluiu ida a uma churrascaria. Fieis à fama recente de "saudáveis", pediram água mineral — exceção feita ao vocalista Brian Johnson, que tomou vinho. A rotina era majoritariamente reclusa: cada um em seu quarto, "surfando na internet em computadores portáteis", um hábito ainda relativamente novo em 1996.

Só que nem tudo correu sem percalços. A bagagem de Angus Young — sempre ele! — foi extraviada por cerca de 12 horas. Sem roupas, precisou usar os tênis da esposa.

A turnê promovia o álbum *Ballbreaker* e já estava na estrada havia dez meses quando chegou ao país pela segunda vez na história da banda — primeira, contudo, com o baterista Phil Rudd. Substituído em 1983, ele retornava à formação. "Ele representa o AC/DC e tem um agito melhor que qualquer baterista do mundo", disse Brian em entrevista à *Rock Brigade*. "Ele está no lugar que pertence."

Por telefone, de Londres, à *Folha de S.Paulo*, Angus confessou admiração pelo Brasil e prometeu surpresas; revelou estar há quase três anos sem beber; e elegeu *Let There Be Rock* como seu disco favorito. Listou influências — "Rolling Stones, Chuck Berry, Little Richard e os bluseiros antigos, como B.B. King, Muddy

***Back in Black* e *Ballbreaker* eram álbuns centrais do setlist em 1996**

Waters e Robert Johnson" — e comentou, aos risos, sobre a camiseta do AC/DC de Butt-Head, personagem da animação *Beavis and Butt-Head*: "Acho legal. Quando moleque eu era um pouco como ele. É o tipo de coisa que deixa a gente contente, mas eu não recebo nenhum direito autoral pelo uso da imagem."

No dia 11 de outubro, cerca de 30 mil pessoas lotaram a Pedreira Paulo Leminski, em Curitiba — há registros que apontam público de até 50 mil, o maior da história do local. A abertura ficou a cargo da banda brasileira Dr. Sin. O espetáculo trazia o aparato completo da turnê: antes de a banda surgir, um guindaste arremessava uma imensa bola de demolição contra o cenário, simulando a destruição do palco. O set foi praticamente o mesmo registrado no ao vivo *No Bull*, com exceção de "Dog Eat Dog".

SETLIST CURITIBA 1996

1. Back in Black
2. Shot Down in Flames
3. Thunderstruck
4. Girls Got Rhythm
5. Hard as a Rock
6. Shoot to Thrill
7. Boogie Man
8. Hail Caesar
9. Hells Bells
10. The Jack
11. Ballbreaker
12. Rock and Roll Ain't Noise Pollution
13. Dirty Deeds Done Dirt Cheap
14. You Shook Me All Night Long
15. Whole Lotta Rosie
16. T.N.T.
17. Let There Be Rock

Bis:
18. Highway to Hell
19.For Those About to Rock (We Salute You)

No dia seguinte, 12 de outubro, o grupo tocou no Pacaembu, em São Paulo, com abertura do Angra. Até a véspera, haviam sido vendidos 30 mil dos 35 mil ingressos disponíveis. Devido a reformas no estádio, houve vistoria antes de liberar o evento. Os portões abriram às 17h e o trânsito de carros no entorno do estádio foi bloqueado para facilitar o fluxo de pedestres. Os ingressos custavam R$ 20 (arquibancada), R$ 30 (pista), R$ 25 (cadeira descoberta) e R$ 35 (cadeira coberta) — valores que hoje equivaleriam a aproximadamente R$ 150 a R$ 260, corrigidos pela inflação.

SETLIST SÃO PAULO 1996

1. Back in Black
2. Shot Down in Flames
3. Thunderstruck
4. Girls Got Rhythm
5. Hard as a Rock
6. Boogie Man
7. Hells Bells
8. Hail Caesar
9. Shoot to Thrill
10. Rock and Roll Ain't Noise Pollution
11. The Jack
12. Ballbreaker
13. Dirty Deeds Done Dirt Cheap
14. T.N.T.
15. Let There Be Rock
16. Whole Lotta Rosie
17. You Shook Me All Night Long

Bis:
18. Highway to Hell
19. For Those About to Rock (We Salute You)

Após o show no Pacaembu, a banda seguiu para Argentina, Chile e, por fim, Austrália, onde tiraria férias. Para o público brasileiro, ficaram a memória e a certeza de que, quando se trata de AC/DC, nunca se sabe quando haverá uma próxima vez.

2009: O MORUMBI SOB O IMPACTO DO "BLACK ICE"

Quando o AC/DC voltou ao Brasil, 13 anos após a turnê de *Ballbreaker*, a expectativa era proporcional ao hiato. O show de 27 de novembro de 2009, no Estádio do Morumbi, em São Paulo, consolidou-se para muitos fãs como a melhor performance do grupo em território nacional. Cerca de 65 mil pessoas testemunharam uma engrenagem de explosões, riffs e precisão cênica.

À época, comentava-se que a excursão poderia ser a última grande turnê do grupo, diante dos 62 anos de Brian Johnson e do desgaste natural de uma agenda global. O gigantismo da produção reforçava essa percepção: estimava-se que o aparato de palco — repleto de explosões e efeitos especiais — consumisse cerca de US$ 6 milhões, configurando uma das produções ao vivo mais custosas do rock naquele período.

Os ingressos para o show custaram entre R$ 150 e R$ 300: R$ 150 (arquibancada laranja), R$ 170 (arquibancadas azul e vermelha), R$ 190 (arquibancada vermelha especial); R$ 250 (pista e cadeira inferior) e R$ 300 (cadeira superior). Atualizados pela inflação acumulada até hoje, esses valores equivalem aproximadamente a uma faixa entre R$ 350 e R$ 700, a depender do setor.

A procura foi imediata: em pouco mais de um dia após a abertura das bilheterias, os ingressos estavam esgotados. Um lote extra de entradas extras de arquibancada vermelha esgotou-se em menos de duas horas — a comercialização começou às 12h e, antes das 14h, já não havia mais tíquetes disponíveis.

O repertório manteve o padrão da turnê mundial, à exceção de "Anything Goes", ausente em São Paulo. A crítica de época da *Rolling Stone Brasil*, assinada por Bruna Veloso, destacou que "Durante 'The Jack' — cuja letra narra uma partida de pôquer na qual uma mulher tem a melhor jogada — os telões focalizavam apenas mulheres na plateia. Em um ambiente tradicionalmente associado à testosterona do hard rock, elas estavam por toda parte: espremidas na grade, nos ombros de namorados, nas arquibancadas. Todas em uníssono no refrão 'She's got the jack'". Caminhando pela passarela que invadia a pista, Brian resumiu o espírito do espetáculo: "Nós não falamos bem 'brasileiro' (sic), mas mandamos muito no rock 'n' roll!"

FOTOS: BRIAN RASIC/GETTY IMAGES, GERARD JULIEN/AFP VIA GETTY IMAGES, MORENA BRENGOLA/REDFERNS

Espetáculo montado para a turnê *Black Ice* contou com estrutura robusta

Excursão que promoveu o álbum *Black Ice* foi a última com Malcolm Young

Em resenha publicada pelo *Estadão*, os jornalistas Ricardo Gozzi e Flavio Leonel registraram: "O público foi definitivamente ao delírio — e assim permaneceria até o fim — com 'You Shook Me All Night Long', 'T.N.T.', 'Whole Lotta Rosie' e 'Let There Be Rock'. Na primeira destas quatro músicas, a felicidade reinou no Morumbi, com todos os presentes pulando e cantando como se fossem crianças perto de seu maior ídolo."

O momento final manteve o ritual consagrado: "O AC/DC encerrou o show, como sempre, com 'For Those About to Rock (We Salute You)', com sua tradicional salva de tiros de canhões. A banda agradeceu, retirou-se do palco e uma queima de fogos ainda reteve a atenção do público por alguns minutos antes de a multidão começar a se dispersar com a sensação de ter assistido ao show de uma das maiores bandas de rock da história."

SETLIST SÃO PAULO 2009

1. Rock 'n' Roll Train
2. Hell Ain't a Bad Place to Be
3. Back in Black
4. Big Jack
5. Dirty Deeds Done Dirt Cheap
6. Shot Down in Flames
7. Thunderstruck
8. Black Ice
9. The Jack
10. Hells Bells
11. Shoot to Thrill
12. War Machine
13. Dog Eat Dog
14. You Shook Me All Night Long
15. T.N.T.
16. Whole Lotta Rosie
17. Let There Be Rock

Bis:
18. Highway to Hell
19. For Those About to Rock (We Salute You)

RESENHA

TRÊS NOITES DE PURO ROCK 'N' ROLL

& sem truqueS

AC/DC lotou o MorumBIS por três vezes, entre fevereiro e março de 2026, e ofereceu performances eletrizantes com pé no acelerador mesmo sob limitações

Por IGOR MIRANDA • Fotos LECA SUZUKI

Em 24 de fevereiro de 2016, exatamente dez anos antes de receber o AC/DC para o primeiro de seus três shows históricos, o estádio do Morumbi (hoje "MorumBIS") contou com outra lenda do rock que resiste à aposentadoria: os Rolling Stones. Tecer qualquer comparação é ingrata, visto que os Stones contam com vários músicos de apoio e algumas canções mais lentas, mas em comum, além da recusa em sair de cena, há a disposição para entregar uma grande performance mesmo diante das limitações.

Se temos uma diferença vital entre os dois grupos citados, é: enquanto a existência dos Stones pareceu natural conforme o desenrolar das últimas duas décadas, ninguém se surpreenderia com o fim do AC/DC após a turnê *Black Ice*, que, em 2009, marcou a última visita ao Brasil até então. Motivos não faltaram: os afastamentos de Malcolm Young em 2014 — falecendo três anos depois —, Phil Rudd em 2015 e Brian Johnson em 2016, além do anúncio de aposentadoria de Cliff Williams. Em dado momento, praticamente só restou Angus com substitutos.

O Young caçula conseguiu dar a volta por cima quando reuniu Johnson, Williams e Rudd para o álbum *Power Up* (2020), mas os dois últimos citados seguiram fora das tours. Ainda assim, Angus não desistiu. Recrutou Chris Chaney e Matt Laug, ambos ligados no passado à banda de Alanis Morissette e outros projetos, para baixo e bateria, respectivamente. A excursão de *Power Up* só começou mesmo em 2024 e é inevitável a sensação entre fãs de que, provavelmente, assistimos ao AC/DC pela última vez.

O contexto de "volta olímpica" empalidece qualquer eventual crítica à performance, já desnecessária considerando os 70 de Angus (à época dos shows), os 78 de Brian e a ausência de outros três integrantes essenciais. Mas mesmo os críticos mais rigorosos se surpreenderiam com o que foi mostrado pela citada dupla de veteranos em 24 e 28 de fevereiro e 4 de março de 2026. Dentro de naturais limitações, Johnson e o mais jovem dos Young seguem imbatíveis.

The Pretty Reckless, banda de Taylor Momsen, abriu os três shows

THE PRETTY RECKLESS

Nas três datas, antes do AC/DC dominar o palco montado no MorumBIS, The Pretty Reckless aqueceu o público com um show de 55 minutos. A banda americana capitaneada pela cantora e atriz Taylor Momsen, antes notória por trabalhos na série *Gossip Girl* e no filme *O Grinch*, tem feito a abertura de praticamente toda a turnê *Power Up*, exceção feita a compromissos na Austrália, no fim de 2025.

Embora tenha sido fundado há quase duas décadas — em 2009 — e lançado quatro álbuns de estúdio, o grupo completo por Ben Phillips (guitarra), Mark Damon (baixo) e Jamie Perkins (bateria) é novidade para muita gente. Pouco surpreendeu, portanto, que a gigantesca maioria do público presente no estádio não soubesse nem mesmo o refrão de "Make Me Wanna Die", maior hit de Momsen e companheiros.

O hard rock praticado pelo The Pretty Reckless tem pouco a ver com os anfitriões. Seus álbuns bebem pouco do blues e exploram influências distintas, indo do grunge/alternativo ao pop rock a depender da fase. Não é o tipo de som enérgico e dançante: acaba por ser mais contemplativo, especialmente devido à presença de palco magnética de Taylor, uma espécie de "Barbie maligna" que, para além do poderio vocal e timbre rasgado, transborda carisma e sensualidade.

No set de dez músicas — incluindo "For I Am Death", single de 2025 tocado pela primeira vez ao vivo no Brasil —, destacaram-se a abertura envolvente "Death by Rock and Roll", a cadenciada e soturna "Witches Burn" (oferecida ao público feminino em português com *"cadê as mulheres daqui?"*), a citada pop-rocker "Make Me Wanna Die", a pesada "Going to Hell" e a puramente classic rock "Take Me Down", cuja base melódica por vezes remete a "Sympathy for the Devil", dos Rolling Stones. Nada marcante, mas certamente serviu como um bom aquecimento.

SETLIST — THE PRETTY RECKLESS

1. Death by Rock and Roll
2. Since You're Gone
3. Follow Me Down
4. Only Love Can Save Me Now
5. For I Am Death
6. Witches Burn
7. Make Me Wanna Die
8. Going to Hell
9. Heaven Knows
10. Take Me Down

Brian Johnson e Angus Young no primeiro dos três shows em São Paulo

AC/DC

Fãs mais curiosos já haviam pesquisado e descoberto que o show do AC/DC, iniciado às 21h, teria duas horas e 15 minutos de duração. Por isso, surpreendeu notar que 17 das 21 músicas já tinham sido tocadas quando o relógio marcava uma hora e meia de performance. Claro que a versão estendida de "Let There Be Rock", com seus mais de 20 minutos totais — a maioria deles dedicados a solos de Angus Young —, ainda estava por vir; mesmo assim, chama atenção.

É uma característica indiscutível das apresentações do grupo australiano: muito som e nada de enrolação. Canções são tocadas em sequência, sem tantas seções mirabolantes para esticá-las ou momentos forçados de interação. Brian Johnson fala pouco com a plateia e, no primeiro show, chegou ao ponto de dizer entre a abertura "If You Want Blood (You've Got It)" e a clássica "Back in Black" logo após: *"Viemos tocar rock and roll pra vocês — e já é o suficiente de conversa."*

De longe o mais velho da formação, o vocalista é, também, quem mais se diverte. Vibra com a plateia, transmite uma vibe de "vizinho caminhoneiro super boa gente" e interpreta de modo despojado as curiosas letras escritas por seu saudoso antecessor Bon Scott. Nas três apresentações em território nacional, estava com uma bandagem no braço esquerdo, mas não parecia ser por algo sério. Vez ou outra até dá uma leve risadinha quando deixa de atingir alguma nota aguda que, anos antes, tiraria de letra. Rock and roll não foi feito para ser perfeito.

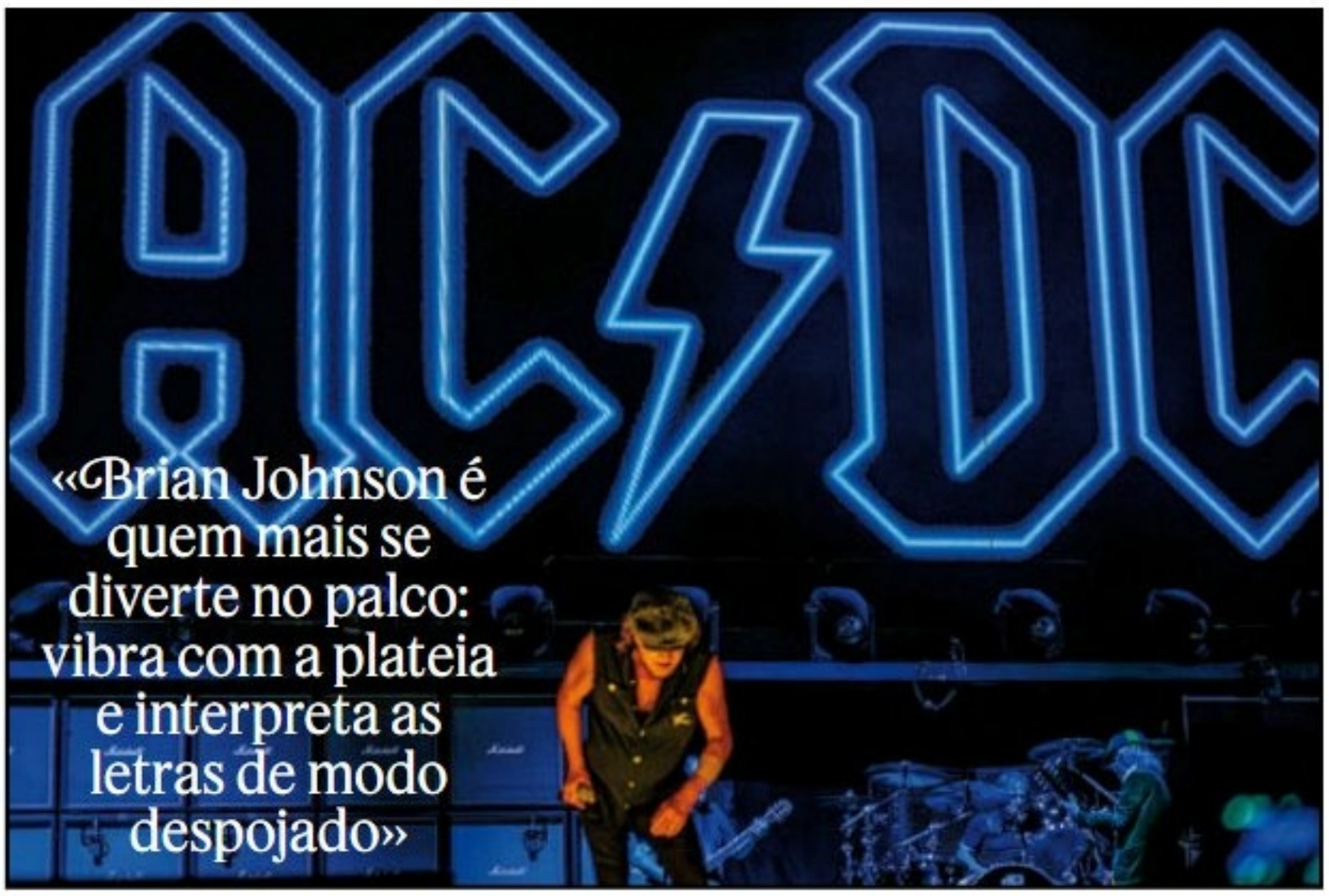
Angus Young, que vestiu uniformes escolares de diferentes cores a depender da data (verde, vermelho e azul, na ordem), é a prova disso. Em alguns momentos engole uma ou outra nota na guitarra; mais perceptivelmente na introdução de "Thunderstruck", tocada de modo desacelerado e comprovando como ele e seus colegas não usam metrônomo ao vivo, assim como em estúdio. Ninguém liga. Diferentemente do que alguns vídeos em redes sociais levam a crer, o músico acerta muito mais do que erra. No primeiro dos três shows, até pareceu poupar energia nos 30 minutos iniciais, mas a partir dali, engrenou de vez. E não parou. Mesmo.

> «Mesmo os críticos mais rigorosos iriam se surpreender com o que foi mostrado em São Paulo por Angus Young e Brian Johnson»

O trio que acompanha os protagonistas não decepciona e segue à risca a cartilha de seus antecessores: apenas oferecer sustentação sem roubar os holofotes. Deles, Stevie Young talvez esteja mais abaixo do músico o qual substitui — seja pelo ataque limitado na mão de palhetada ou escolha de timbres —, mas Malcolm é único na história do rock. Chris Chaney reproduz com fidelidade a abordagem de Cliff Williams, enquanto Matt Laug chega a tocar um pouco mais forte que Phil Rudd, embora o swing característico do grupo fique mantido.

O setlist executado nas três datas foi exatamente o mesmo. Entre as 21 músicas escolhidas, há mais representantes da fase Bon Scott (onze) do que da era Brian Johnson (dez). Dos discos de Bon, clássicos eternos como "Highway to Hell" (com Angus usando chifrinhos de diabo), "Whole Lotta Rosie" (sem a presença da Rosie inflável de outras turnês no palco) e "TNT" dividem espaço com escolhas de repertório menos usuais. Exemplos? A insana "Riff Raff" (jamais tocada em show com Brian até 2023), a peculiar e muito bem recebida "Jailbreak" (estava fora dos setlists desde 1991 quando foi resgatada em novembro de 2025) e a já citada abertura "If You Want Blood (You've Got It)" (ausente após 2003 antes de retornar aos sets na "fase Axl Rose"). São canções que se encaixam melhor na voz atual de Johnson.

Dos álbuns com o vocalista ocupante da vaga desde 1980, segue a escolha de tocar metade do multiplatinado disco *Back in Black* — com destaque para a climática "Hells Bells" e a paulada



«Brian Johnson é quem mais se diverte no palco: vibra com a plateia e interpreta as letras de modo despojado»

«Angus Young vestiu uniformes escolares de diferentes cores a depender da data: verde, vermelho e azul, na ordem»

"Shoot to Thrill" —, a recém-resgatada ao set "Stiff Upper Lip", o irrevogável encerramento "For Those About to Rock (We Salute You)" e duas canções de *Power Up*: "Demon Fire" e "Shot in the Dark", ambas recebidas de modo acanhado pela plateia. Talvez façam falta números como "Rock 'n' Roll Train" e "Who Made Who", mas nada capaz de gerar uma crise.

Como o setlist se manteve nas três datas, pouco se alterou no geral para além dos uniformes de Angus e sua performance inicialmente mais contida no show inaugural. Na segunda apresentação (única sob chuva), Brian Johnson pegou uma bandeira do Brasil durante "Stiff Upper Lip"; nas ocasiões dois e três, a menção a "American thights" ("coxas americanas") na letra de "You Shook Me All Night Long" virou "Brazilian thighs"; na noite final, o vocalista entrou antes da hora em "Shot in the Dark" e atrasou para iniciar "Whole Lotta Rosie", mas sem causar grandes problemas. Entre outros detalhes pontuais. Também foi curioso notar que, apenas no espetáculo derradeiro, a arte dos telões em "Sin City" mudou: deixou de ser uma simples reprodução do músico para contar com uma moldura de cartas de baralho.

Aliás, aqueles interessados pela parte mais visual do espetáculo podem se decepcionar com a já mencionada ausência da Rosie inflável, o tamanho aparentemente mais modesto do sino de "Hells Bells" e o discretíssimo uso de pirotecnia em "Highway to Hell". Apesar de não ter havido economia no papel picado durante o extenso solo de "Let There Be Rock" — disparado quando Angus está tocando deitado no chão numa plataforma —, a versão atual do show é, mesmo, um pouco mais enxuta em estrutura na comparação com outras turnês.

Todavia, o principal segue lá: a música. Fica difícil dispensar o clichê "o AC/DC deu aula de rock and roll no MorumBIS". As eventuais imperfeições em nada atrapalham o resultado final. Angus, Brian e companhia poderiam estar até executando um set mais curto, abaixando afinação em prol de tons mais graves, dando mais pausas entre canções ou estendendo suas durações, usando faixas pré-gravadas para engrossar o som, recorrendo a metrônomo, apostando mais no lado estético do show... mas quem disse que precisa? Está perfeito do jeito que é. E que siga perfeito enquanto dure.

SETLIST — AC/DC

1. If You Want Blood (You've Got It)
2. Back in Black
3. Demon Fire
4. Shot Down in Flames
5. Thunderstruck
6. Have a Drink on Me
7. Hells Bells
8. Shot in the Dark
9. Stiff Upper Lip
10. Highway to Hell
11. Shoot to Thrill
12. Sin City
13. Jailbreak
14. Dirty Deeds Done Dirt Cheap
15. High Voltage
16. Riff Raff
17. You Shook Me All Night Long
18. Whole Lotta Rosie
19. Let There Be Rock

Bis:

20. T.N.T.
21. For Those About to Rock (We Salute You)

PROMOÇÃO

Rolling Stone BRASIL

HALL OF FANS

Confira as fotos vencedoras!

Roberta Mucci

Thiago Silva foi o vencedor e levou uma jaqueta jeans e uma guitarra exclusivas Rolling Stone Brasil

André Soares

Otavio Alves

Nicole, Agatha e Allan Moraes

Adriana e Maria Amélia Wanderley

Rafaela Zoubaref, Suelen Ferreira e Isaac Zoubaref

Eduardo Queiroz

Alexandre Dias

Ricardo Sacoman

FOTOS: ACERVO PESSOAL

Repertório em Detalhes

Os três shows mais recentes do AC/DC no estádio MorumBIS, em São Paulo, trouxeram as mesmas 21 músicas em sequência imutável

Brian Johnson durante o primeiro dos três shows no Brasil em 2026

FOTO: LECA SUZUKI

Angus Young com seu uniforme verde e detalhes amarelos, em homenagem ao Brasil

FOTO: RAFAEL CUSATO / BRAZIL NEWS

"If You Want Blood (You've Got It)"

1. "If You Want Blood (You've Got It)" nasceu, inicialmente, como nome do primeiro disco ao vivo lançado pelo AC/DC, em 1978. No ano seguinte, foi imortalizada como música no clássico *Highway to Hell* (1979).

Existe uma certa tensão proposital criada nos 30 segundos do começo, mas que logo se dissipa em urgência e energia quando a cortina cai. É a pedida ideal para se começar um show — embora só tenha começado a ocupar esta função na turnê *Power Up* —, com o riff vigoroso e o refrão entregando tudo que a banda promete: sangue! Afinal de contas, a metáfora do AC/DC é essa mesmo: rock 'n' roll intenso, perigoso e sem filtros. Se alguém vir a se machucar, não poderá alegar desconhecimento. — Guilherme Gonçalves

"Back in Black"

2. No começo, havia apenas um riff, um título e um desejo. Malcolm Young carregava um violão consigo na turnê de *Highway to Hell* (1979) e teve essa ideia para uma parte de guitarra. Após a morte de Bon Scott, o músico, junto com seu irmão Angus, pensou no título "Back in Black" e os dois decidiram que seria sobre o vocalista falecido. O problema: faltava letra.

Entra em cena Brian Johnson. Ele nem havia sido contratado quando os irmãos Young lhe mostraram o riff. Em entrevista de 2009 à *Mojo*, o cantor revelou ter recebido uma ordem para não fazer uma letra mórbida. O objetivo era celebrar Bon Scott. O britânico colocou no papel o que lhe vinha à cabeça. Referências às várias vidas de gatos, sair da cadeia e esbórnia. A banda viu o espírito fora-da-lei do companheiro nos versos. Sucesso.

O tema da liberdade é particularmente presente na música. Ao contrário de outros hits, "Back in Black" traz um arranjo esparso e enxuto. O impacto do riff é tão forte quanto a bateria. O guinchado infernal de Brian Johnson o distingue imediatamente de Bon Scott em termos de estilo. A canção simboliza o grupo reconhecendo o passado ao mesmo tempo que aponta seu futuro. — Pedro Hollanda

"Demon Fire"

3. Um dos singles de *Power Up* (2020), "Demon Fire" explora um clichê clássico do rock and roll: o fora-da-lei de carisma quase demoníaco. Brian Johnson enumera as diversas maneiras nas quais o homem em questão vai te matar, roubar seu dinheiro e a sua garota. Batido? Quando a música é divertida, não.

Nesse aspecto, a banda mata a pau. O riff principal lembra canções como "Oh Well" (Fleetwood Mac) ou "Runnin' Down a Dream" (Tom Petty and the Heartbreakers). O refrão tem aquela explosão característica, com o agudo de Brian Johnson levantado pelos backing vocals. — P. H.

"Shot Down in Flames"

4. Uma das sínteses mais afiadas do humor autodepreciativo de Bon Scott abre o lado B do álbum *Highway to Hell*. A letra de "Shot Down in Flames" narra uma noite de fiascos: o sujeito sai em busca de conquista, coleciona foras consecutivos e volta para casa de mãos abanando. Poucos frontmen na história cantaram derrotas amorosas com tamanha ironia e leveza. Sob o riff cortante de Angus e a batida implacável de Phil Rudd, o refrão se impõe como um dos mais contagiantes do catálogo da banda. Ao vivo, o grito final da versão de estúdio ecoa em coros monumentais, como se viu nas três noites no Estádio do Morumbis, em São Paulo. — Marcelo Vieira

"Thunderstruck"

5. Muitas grandes músicas nascem a partir de uma base e têm arranjos e passagens solo construídas posteriormente. Com "Thunderstruck", foi o contrário. "Tudo começou com um pequeno truque que eu tinha na guitarra", narra Angus Young no encarte do relançamento de *The Razors Edge*, em referência ao lick que abre a faixa. "Toquei para Mal, ele teve uma boa ideia rítmica e construímos a partir daí."

Para o imponente título (que pode significar "atônito" ou "ferido por raio"), há duas histórias. O guitarrista solo disse ao livro *Let There Be Rock* que o nome surgiu durante uma tempestade em um voo. "Estávamos sobrevoando a Alemanha e o avião foi atingido por um raio." Já no encarte supracitado, um relato menos glamuroso: "Chegamos a isso de 'trovão' com base no nosso brinquedo favorito de infância, Thunderstreak."

Fato é que, antes da principal canção de *The Razors Edge*, o AC/DC não lançava um clássico desde "For Those About to Rock (We Salute You)", de 1981. Quase uma década. "Thunderstruck" rompe essa sina não apenas pela intro chamativa, como por sua tonalidade diferente do usual para o grupo, uma base quase hipnótica de Malcolm e uma tonelada de ganchos melódicos e rítmicos fortes — como se toda a faixa fosse um monte de refrãos. Fora de série. — Igor Miranda

"Have a Drink on Me"

6. Composta com Brian Johnson para *Back in Black*, "Have a Drink on Me" preserva o DNA etílico do AC/DC sob um riff insistente dos irmãos Young e a sutil dinâmica de Cliff Williams nos versos. Lançar uma ode à bebedeira meses após a morte de Bon Scott poderia soar como mau gosto, mas a faixa apenas mantinha a temática que o próprio Scott celebrou em vida. Angus e Malcolm revelaram que, pouco antes de partir, Bon chegou a ensaiar versões embrionárias da canção na bateria. Longe de ser uma ofensa, a música acabou se tornando um brinde em homenagem ao amigo que se foi, provando que, no universo da banda, a filosofia não sucumbe à tragédia. — M. V.

"Hells Bells"

7. A faixa inicial do álbum mais vendido da história do rock é um hino fúnebre, ainda que à moda AC/DC. Pode parecer contraditório, mas os célebres "sinos do inferno" são, na verdade, frutos de uma tempestade na paradisíaca Nassau, capital das Bahamas onde fica o Compass Point Studios. Durante as sessões de gravação de *Back in Black*, o recém-chegado vocalista Brian Johnson enfrentava um bloqueio criativo em meio à árdua tarefa de substituir não só os icônicos vocais, mas também a alma de Bon Scott por meio de letras. Sua redenção ocorreu após um "boletim meteorológico" — palavras do próprio. Impactado pela proporção de uma tempestade tropical repentina durante um café com os produtores, o cantor proferiu os futuros versos iniciais da canção: "Rolling thunder, pouring rain, coming on like a hurricane" ("Trovão em movimento, chuva torrencial, chegando como um furacão"). Ali, Brian rompeu com seus demônios e passou a noite em claro à base de caneta e whisky. Os versos surgiram de modo quase psicografado. "Não acredito em Deus, céu ou inferno, mas algo aconteceu", contou à revista *Q* em 2008. Junto de uma melodia pesada, andamento cadenciado e um solo cortante, "Hells Bells" iluminou os novos tempos de um grupo que renascia ao tocar dos sinos. — Luan Bertolini

"Shot in the Dark"

8. Embora tenha sido liberada como primeiro single de *Power Up*, "Shot in the Dark" não é a música mais poderosa do álbum. A reação do público durante os shows do grupo na recente visita ao Brasil foi morna. "Demon Fire", outra do disco tocada ao vivo, convence mais. Mas a canção que inaugurou a era atual do AC/DC é... AC/DC puro. Traz o típico entrelace entre guitarras e voz aguda de Brian Johnson no timbre usual pós-*The Razors Edge*. Além disso, tem valor especial para muitos fãs por ter chegado antes das demais. Ativa um delicioso e específico tipo de nostalgia: a sensação de saber que há um álbum dos caras prestes a chegar. Até amenizou um pouco a notícia da perda de Eddie Van Halen, publicada no dia anterior à divulgação da faixa. — I. M.

"Stiff Upper Lip"

9. O retorno de "Stiff Upper Lip" aos setlists em 2023, passadas duas décadas de ausência, foi uma grata surpresa e um justo reconhecimento a uma das melhores canções do AC/DC pós-*The Razors Edge*. A abertura com um ardido lick de guitarra e raros vocais graves de Brian Johnson cria certo suspense para uma música que cresce conforme seu desenrolar, mas dispensa o frenesi de outrora. Seu clipe, raro vídeo do grupo a ser roteirizado, traz breve aparição de Lady Gaga, na adolescência e bem antes da fama, na função de figurante. "Eu estava batendo cabeça e a equipe dizia: 'Não bata cabeça, queremos que seja moderno.' E eu: 'Mas só tem um movimento que eu posso fazer'", contou ela ao *Carpool Karaoke*.. — I. M.

"Highway to Hell"

10. "Havia centenas de riffs sendo criados todos os dias. Mas este, pensamos, este é bom." Malcolm Young, que nunca foi dado à modéstia, abusou dela nessa declaração à *Classic Rock*. Bom? O riff de "Highway to Hell" é um dos mais espetaculares de todos os tempos e, por si só, já seria capaz de garantir cadeira cativa ao AC/DC no panteão do rock.

A sequência inicial de acordes, de autoria de Angus Young, começa isolada na gravação, mas depois ganha a companhia da bateria de Phil Rudd, que também tem importância fundamental na construção da irresistível levada que se segue. Tudo explode, depois, num refrão simples, mas contagiante. Genialidade pura!

Ao contrário do teor diabólico que o título sugere — "Estrada para o inferno" —, o contexto da música é altamente mundano. Bon Scott versa, na verdade, sobre as dores e os prazeres de se estar em turnê. "Hey satan / Payin' my dues / Playin' in a rockin' band" ("Ei, Satanás / (Estou) pagando minhas dívidas / Tocando em uma banda de rock"), canta ele.

Ironicamente, "Highway to Hell" se tornou uma espécie de epitáfio do vocalista. Bon Scott morreu apenas seis meses depois do lançamento dela e do álbum de mesmo nome, em 1979. — G. G.

"Shoot to Thrill"

11. Provocadora e triunfal. Na segunda faixa de *Back in Black*, Brian Johnson ousou revisitar a essência *bad boy* encarnada por Bon Scott em clássicos como "Dirty Deeds Done Dirt Cheap". Munida de uma liberdade dionisíaca, "Shoot to Thrill" celebra uma geração que mirava nos excessos e atirava sem pensar nas consequências. Em contrapartida, o reflexo social em torno dessa cultura que pouco questionava culminou no abuso de medicamentos ansiolíticos distribuídos levianamente, como o Valium, "febre" entre mulheres de meia-idade. É um dos exemplos relativamente raros de canções do AC/DC a ter um breakdown, antes de entrar em um solo tão eletrizante quanto os riffs de sua abertura. Décadas após seu lançamento, ganhou novo fôlego junto do público ao ganhar destaque na trilha do filme *Homem de Ferro 2* (2010). — L. B.

"Sin City"

12. Neste clássico de *Powerage*, Bon Scott versa sobre o apelo perigoso de Las Vegas e outras capitais do pecado espalhadas pelo mundo. O cantor lista todas as maneiras como o jogo está armado contra o cara comum. Mesmo assim, há a vontade de ir em frente porque não é uma questão de vencer. A graça está no *game*.

O momento mais marcante é a ponte, quando os vocais são acompanhados apenas pelo baixo de Cliff Williams e a bateria de Phil Rudd, que tocam tão suave a ponto de soar jazzy. Vegas construiu sua imagem atrelada a cantores como Frank Sinatra, então pode ser proposital. Quando o refrão final explode, o ouvinte tem a sensação de que o eu-lírico ganha só de participar nessa festa — P. H.

"Jailbreak"

13. A transformação de "Jailbreak" num clássico surpreende, pois a faixa de 1976 permaneceu quase uma década sem um lançamento fora de Austrália e Reino Unido. Internacionalmente, só chegou via EP *'74 Jailbreak* (1984). Seu clipe original, filmado para um programa de TV com os integrantes da época vestidos de prisioneiros, ganhou atenção retroativa da MTV. Angus Young diz que a letra, sobre fugir da cadeia, surgiu após Bon Scott ter sido detido antes de um show e conhecido uma pessoa atrás das grades. O visceral riff introdutório de Malcolm Young conduz quase toda a música, que, passado o primeiro solo, cai de modo dramático para, ao fim da seção, relatar um tiro sofrido pelo fujão. Rock and roll também é sobre *storytelling*. — I. M.

"Dirty Deeds Done Dirt Cheap"

14. Possivelmente a composição mais maléfica da carreira do AC/DC, ainda que seu título tenha sido retirado de um desenho animado (*Beany e Cecil*). Bon Scott encarna um matador de aluguel que oferece seus serviços a pessoas à procura de uma solução violenta para seus problemas. Tudo por um preço bastante acessível, como o título deixa claro. A música por sua vez é construída em cima de uma batida sacana de Phil Rudd, um riff sujíssimo e uma montanha de *feedback*.

Curiosamente, a faixa foi pouco executada ao vivo com Bon nos vocais, pois a Atlantic Records se recusou a lançar nos EUA todo o álbum *Dirty Deeds Done Dirt Cheap*. Estavam infelizes com a produção e os vocais. Quando mudaram de ideia, em 1981, o vocalista já havia morrido e o AC/DC tinha Brian Johnson no seu lugar. — P. H.

"High Voltage"

15. O marco zero da identidade elétrica que definiu o AC/DC. Com Bon Scott celebrando o rock de "alta voltagem" que tocavam, a faixa cristaliza o trocadilho do nome da banda e inaugura uma linhagem de hinos metalinguísticos sobre o próprio gênero musical — tradição expandida em clássicos como "Let There Be Rock", "Rock 'n' Roll Damnation", "Rock and Roll Ain't Noise Pollution" e a mais recente "Rock or Bust". Primeiro registro de Phil Rudd com o AC/DC — e que traz o irmão mais velho George Young tocando o baixo —, "High Voltage" saiu como single em 1975 e atingiu o top 10 australiano. A canção impulsionou o álbum homônimo local, mesmo sem integrar sua tracklist original. — M. V.

"Riff Raff"

16. Antes de conquistar rádios e arenas dos EUA, o AC/DC era, essencialmente, uma atração de bar. Talhada para encarar o que der e vier — inclusive a indiferença da plateia. Algo improvável, porém, quando sacavam uma carta na manga como "Riff Raff".

Essa música representa o grupo em sua forma mais primitiva. Lidando com o suor de públicos diminutos, cara a cara com o perigo. Não à toa, destaca-se em *Powerage* (1978) e foi escolhida para abrir o ao vivo *If You Want Blood You've Got It* (1978).

Uma canção selvagem, que captura a banda logo antes da fama. Curiosamente, permaneceu fora dos setlists desde a chegada de Brian Johnson até 2016, quando este foi substituído temporariamente por Axl Rose. O frontman do Guns N' Roses pediu pelo retorno dela. — G. G.

"You Shook Me All Night Long"

17. Combinação perfeita de rock e pop, acessível a ponto de ser regravada por divas como Céline Dion e Shania Twain. Porém, o sucesso não foi imediato nos bastidores. Quando Tony Platt — engenheiro de som que trabalhou em *Back in Black* — apresentou a faixa à equipe de marketing da Atlantic Records, ficou chocado com a recepção fria. Ignoraram o potencial daquela que seria a primeira música do AC/DC a entrar no top 40 dos EUA, chegando à 35ª posição.

O impacto da canção, ainda um dos pontos mais altos dos shows, foi imortalizado por dois clipes distintos. O original, de 1980, foca na performance da banda em estúdio. Já a segunda versão, dirigida por David Mallet em

FOTO: LECA SUZUKI

Brian Johnson e Angus Young no lugar onde se sentem mais confortáveis: o palco

1986 para o álbum *Who Made Who*, aposta no humor e em um visual *noir* de alto contraste. Gravado em locações que remetem à telenovela *Coronation Street*, o vídeo traz Brian Johnson em cenas inusitadas, como esfregando-se em uma banheira antes de partir ao encontro de uma mulher. — M. V.

"Whole Lotta Rosie"

18. Inspirada pelo riff de "No Money Down", de Chuck Berry, a explosiva "Whole Lotta Rosie" encerra *Let There Be Rock* como uma ode de Bon Scott às mulheres curvilíneas. Nascida da versão embrionária "Dirty Eyes" — posteriormente lançada na caixa *Bonfire* (1997) —, a letra direta e irreverente celebra um encontro real nos bastidores na Austrália com a icônica groupie "Big Bertha". A faixa tornou-se um dos momentos mais incendiários do AC/DC ao vivo, outrora marcada pela presença de uma Rosie inflável gigante no palco. Bandas como Bullet for My Valentine, Steel Panther e W.A.S.P. a regravaram. O Guns N' Roses praticamente a adotou, tocando-a na década de 1980 e retomando para shows a partir de 2009. — M. V.

"Let There Be Rock"

19. Em "Let There Be Rock", o AC/DC oferece sua própria narrativa da gênese do rock and roll. Uma música fabulosa, que se insere entre as obras-primas da banda, e traz uma das letras mais inspiradas do saudoso Bon Scott.

Nela o vocalista brinca com Tchaikovsky, que já havia sido avisado por Chuck Berry em "Roll Over Beethoven" sobre a ascensão de um novo estilo musical: o rock. Na continuação imaginada por Bon, o compositor russo não só recebeu a mensagem como ajudou a espalhar a palavra. Ao vivo, "Let There Be Rock" ganha contornos ainda mais épicos. Geralmente, é quando Angus Young executa seu solo estendido e provoca o arrebatamento do público para a doutrina revolucionária do rock. Mais AC/DC que isso, impossível. — G. G.

"T.N.T."

20. Um dos grandes clássicos, apareceu primeiro no álbum australiano *T.N.T.* (1975) e depois em *High Voltage* (1976), a estreia mundial. O refrão teria sido construído em cima de um bordão de Angus Young, que repetia "I'm TNT, I'm dynamite" ("Sou TNT, sou dinamite") para expressar seu estado de espírito. Os gritos de "Oi! Oi! Oi!", inventados pelo guitarrista e introduzidos por sugestão de George Young, praticamente anteciparam o punk.

O resto da letra reflete o lado "fora-da-lei" galhofa do grupo. Bon Scott tirou de um anúncio do inseticida Mortein a maior parte de "I'm dirty, I'm mean, I'm mighty unclean" (no literal "Sou sujo, mau e imundo mesmo" / na interpretação "Sou indecente, cruel e jogo pesado"). — P. H.

"For Those About to Rock (We Salute You)"

21. Faixa-título do álbum de 1981, "For Those About to Rock (We Salute You)" tornou-se o brado máximo do AC/DC. Inspirada na saudação atribuída a gladiadores — "Aos que estão prestes a morrer..." —, a ideia surgiu após Angus Young ler um livro sobre Roma Antiga indicado por Bon Scott. No contexto, o grupo subverte o tom fúnebre para celebrar o rock, transformando o "sacrifício" na arena em uma entrega total no palco. Com andamento marcial e canhões disparados no clímax, a música convoca a plateia para a batalha. Virou referência pop e segue como tradicional número de encerramento dos shows. *Fire!* — M. V.

Angus Young já definiu seu irmão Malcolm como "melhor que Van Halen" e criticou até seus ídolos dos Stones

LÍNGUAS TÃO AFIADAS QUANTO AS GUITARRAS

Ao falar sobre outros artistas e bandas, os integrantes do AC/DC conseguem ser tão ferozes quanto sua própria música. Eric Clapton, Deep Purple e muitos outros já foram alvos

Por **Pedro Hollanda**

FOTOS: BOB KING/REDFERNS, STEVE MORLEY/REDFERNS, MICHAEL PUTLAND/GETTY IMAGES, KOH HASEBE/SHINKO MUSIC/GETTY IMAGES

As influências do AC/DC ficam muito claras para quem os ouve. Rock and roll, blues, boogie-woogie e nomes pioneiros do chamado hard rock. A lista de heróis de Angus e Malcolm Young inclui os Rolling Stones, Chuck Berry, Muddy Waters, The Who e Willie Dixon. Bon Scott e Brian Johnson compartilhavam da paixão por Little Richard. Praticamente nada surgido após o meio da década de 1960 lhes serviu de inspiração. Por vezes, grandes nomes surgidos na música em eras posteriores foram alvo de suas críticas.

O comentário, geralmente, vinha em tom sarcástico. Afinal de contas, irreverência é um elemento importante para compreender o AC/DC como banda; logo, se um artista não se enquadra nos padrões deles, o veneno corre solto. Vamos a algumas de suas declarações mais ácidas envolvendo colegas de profissão.

Robert Fripp em 1974

ROCK PROGRESSIVO

O AC/DC surgiu no começo da década de 1970, fase na qual o rock progressivo vivia seu auge. Contudo, o grupo era a antítese desse movimento. Em entrevista de 1977 à revista *Classic Rock*, Angus Young afirmou não conhecer ninguém que gostou de ter ido a um show de bandas descritas por ele como "sérias", como Yes e Hawkwind.

"Bandas como o Yes são um saco de se ver, a menos que botem uma mina para tirar a roupa", disse o Young mais jovem. "Acho que o Hawkwind chegou a fazer isso mesmo! Isso mostra ao que precisam apelar. E ainda assim as pessoas os levam a sério. O Yes deve ter um jogo de luzes fantástico. Nunca fui assistir, mas provavelmente usam jogo de luzes para disfarçar o fato de estarem entediados. A música deles é chata, tanto que não faz as pessoas pularem!"

Outro alvo de Angus foi Robert Fripp. À *Rolling Stone*, em 1980, o músico brincou com o fato de não conseguir tocar seu instrumento parado. Nisso, citou o guitarrista do King Crimson, conhecido por sua postura carrancuda no palco, e questionou se o britânico daria conta de executar um blues básico: "Eu sei que Robert Fripp não consegue tocar um blues de 12 compassos."

Robert Plant (esq.) e Kurt Cobain: unidos pela definição "um cara loiro, meio poser"

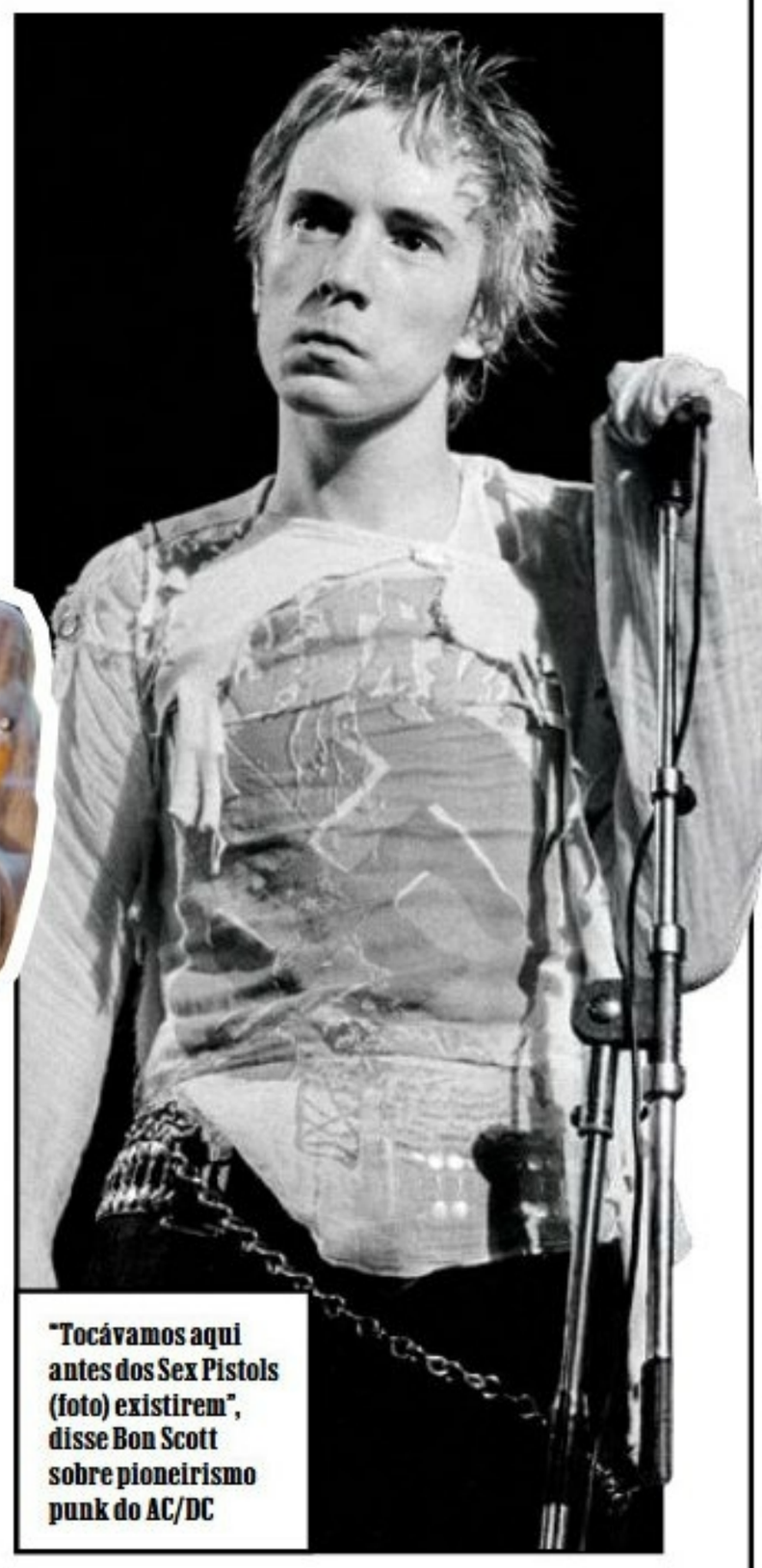
PLANT E COBAIN: OS CARAS LOIROS MEIO POSERS

Malcolm Young raramente dava entrevistas, mas quando resolvia abrir a boca, era para fazer todo mundo sair da frente. Em entrevista de 1992 à *Metal CD*, o guitarrista teve poucas — e nada positivas — palavras a dizer sobre o Led Zeppelin. "Angus e eu fomos assistir ao Led Zeppelin uma vez. Fomos embora depois de algumas músicas", afirmou. Por que não ficaram até o final? "O cantor [Robert Plant] era um cara loiro. Meio poser."

Anos antes, em 1984, a birra com o Zeppelin foi explicada mais a fundo. À revista *Musician*, o líder do AC/DC revelou até gostar da música dos colegas, mas a partir de certo ponto não deu mais pra ele. "Nos primeiros dois álbuns eles eram uma banda boa", refletiu. "Depois disso, cara, não. Se você quiser relaxar, botar um fone de ouvido e acender um, tudo bem. Mas em termos de agitar as coisas e começar a festa, é chato demais."

De volta à entrevista de 1992 para a *Metal CD*, Malcolm também ofereceu sua opinião sobre a grande banda daquele momento: Nirvana. O guitarrista admitiu que sua filha admirava o grupo americano de Seattle, mas ele não compartilhava da opinião. Por quê? Mesma explicação dada sobre Robert Plant. "O cantor [Kurt Cobain] é um cara loiro. Meio poser."

Eddie Van Halen (esq.) e Eric Clapton receberam elogios após terem sido alvos de críticas



"Tocávamos aqui antes dos Sex Pistols (foto) existirem", disse Bon Scott sobre pioneirismo punk do AC/DC

FOTOS: ROSS MARINO/GETTY IMAGES, MICHAEL PUTLAND/GETTY IMAGES, JORGEN ANGEL/REDFERNS, KEVIN MAZUR/WIREIMAGE, FRYDERYK GABOWICZ/PICTURE ALLIANCE VIA GETTY IMAGES, MARK AND COLLEEN HAYWARD/REDFERNS

VAN HALEN E CLAPTON: MORDE E ASSOPRA

Por vezes, os integrantes do AC/DC mudam de opinião com o tempo. O melhor exemplo disso é a postura em relação ao Van Halen. As duas bandas foram, talvez, as maiores do hard rock entre o fim da década de 1970 e início de 1980. Ao ser perguntado durante o programa inglês *The Old Grey Whistle Test*, em 1984, se havia rivalidade entre os grupos, Angus Young fez questão de se dissociar dos colegas americanos. "Van Halen é algo diferente, eles são mais... como diria... pop. Já nós somos mais rock'n'roll."

À revista *Guitar World*, em 1986, Angus aproveitou a oportunidade para criticar o guitarrista Eddie Van Halen. Ao seu ver, seu irmão Malcolm era superior. "Apesar dele me deixar ficar com todos os momentos de solo, Malcolm ainda assim é um guitarrista melhor que Eddie Van Halen", afirmou. "Van Halen com certeza sabe suas escalas, mas eu não gosto de ouvir guitarristas super técnicos que enfiam todas as notas que sabem numa música só. Digo, Van Halen faz o que faz muito bem, mas no fundo só são exercícios de dedos."

A opinião ficou mais branda com o passar do tempo. Em entrevista ao livro de fotos *Eddie Van Halen* (2011), de Neil Zlozower, Angus Young expressou admiração pelo colega, que faleceria em 2020, e o colocou no patamar de guitarristas como Jimi Hendrix.

Algo similar ocorreu em relação a Eric Clapton: criticado, depois elogiado.

Ao falar para a *Guitar World*, em 1986, sobre seu guitarrista preferido, Chuck Berry, Angus Young declarou nunca ter compreendido o apelo do eterno integrante do Cream. "Quando eu estava crescendo, todos falavam que Eric Clapton era o máximo, um gênio da guitarra e coisas assim. Bem, mesmo numa noite ruim, Chuck Berry era muito melhor do que Eric Clapton qualquer dia será."

Seis anos depois, à *Classic Rock*, Angus usou Clapton como exemplo positivo. Os alvos, curiosamente, eram guitarristas de heavy metal cujo estilo se derivou de Van Halen — na opinião de Young, praticantes de escalas ao vivo. "Eles poderiam tocar o que estão fazendo no palco em casa, pois soa como se estivessem praticando escalas", explica. "Nada de mal com isso, mas pra mim isso é ensaiado. Por outro lado, quando você escuta alguém como Clapton, você sabe que ele está tocando na base do instinto."

QUEM INVENTOU O PUNK?

Assim como seu impacto no hard rock e heavy metal, o AC/DC é visto como influência para o punk. Porém, seus integrantes não sentiam carinho pelo Sex Pistols, grupo que popularizou o estilo no Reino Unido.

Em 1977, ao programa de TV australiano *Countdown*, Bon Scott hesitou ao aceitar o status de pioneiro do punk, pois, para ele, o trabalho executado até ali transcendia rótulo. Por um lado, o vocalista do AC/DC reconheceu que o rock se beneficia de um chacoalhão ocasional. Por outro, não perdeu a chance de alfinetar Johnny Rotten e companhia:

"Por mais que a gente tenha meio que começado essa coisa toda — tocávamos aqui antes dos Sex Pistols sequer existirem —, as pessoas só estão percebendo isso agora. Elas querem algo mais que [imita Johnny Rotten] 'Anarquia e estupro!' e nós estamos fazendo isso. Estamos fazendo bem."

The Edge (esq.) é "chato" e David Coverdale, o arquétipo do cantor genérico

U2 E DEEP PURPLE: FOI PRO LADO PESSOAL

Às vezes, a birra dos integrantes do AC/DC com outro artista nem precisa ser relacionada à música. Em entrevista de 2003 à *Classic Rock*, Malcolm Young relembrou uma ocasião na qual The Edge o tirou do sério. O guitarrista do U2 apresentou The Clash quando a banda punk entrou para o Rock and Roll Hall of Fame naquele ano. O grupo de Malcolm era a atração seguinte — e ele perdeu a paciência com o discurso do colega irlandês.

"Os caras do The Clash subiram antes de nós e The Edge se levantou para apresentá-los. Caralho, ele fez um discurso de 40 minutos [sobre o falecido frontman Joe Strummer]. Foi o sujeito mais chato que já tive o desprazer de conhecer. Estávamos ao lado, esperando e ficando cada vez mais putos, mesmo com a simpatia [do The Clash]."

Com o Deep Purple, o estranhamento em bastidores chegou a outro nível.

As bandas foram escaladas para o festival australiano Sunbury, em 1975. Em entrevista à *Australian Broadcasting Corporation*, Angus Young afirmou que seu grupo, então no começo da carreira, foi convidado de última hora devido ao receio dos organizadores do conjunto inglês não aparecer. No entanto, o Purple apareceu em cima da hora, enquanto Angus e seus colegas se preparavam para subir no palco.

O show estava mantido, mas do nada uma briga começou entre as equipes das bandas. "No último minuto, acho que nosso empresário disse algo e então ele foi socado por alguém da equipe de turnê do Deep Purple", conta Angus. "Estávamos no camarim nos trocando. Daí chegamos e tinha um cara, um trabalhador comum, dirigindo uma empilhadeira. Ele veio correndo com a gente e disse: 'vou ajudar vocês.' Lembro que eles [o pessoal do Purple] estavam cercados por um monte de seguranças enormes, daí esse cara jogou uns equipamentos em algum cara grande e o nocauteou. *[Risos.]*"

Após o deixa-disso, os organizadores estabeleceram que o AC/DC se apresentaria após o Deep Purple. Entretanto, quando a banda inglesa terminou seu set, a equipe começou a desmontar todo o palco. O grupo australiano não pôde tocar. Até o promotor do festival brigou com os donos do hit "Smoke on the Water". Os integrantes do Purple não participaram da briga, mas o vocalista da época, David Coverdale, justificou: a treta ocorreu porque Angus e seus parceiros estavam usando seus equipamentos.

O episódio ficou entalado na garganta de Angus Young. Em entrevista de 1984 à *Guitar World*, ele declarou: "Já paguei para assistir o Deep Purple ao vivo e pensei: 'Nossa, como isso é ridículo!' Dá pra ver que é enganação. Nunca vi graça em bandas desse tipo. Sempre odiei. Sempre achei um Led Zeppelin de pobre."

Coverdale também foi alvo de alfinetadas ao longo dos anos, pois era citado como um tipo de cantor genérico que críticos queriam colocar no AC/DC. Em entrevista de 1992 à *Metal CD*, por exemplo, Malcolm Young declarou: "Diziam que nos sairíamos muito melhor com um vocalista que não gritasse o tempo todo. Diziam que deveríamos dispensar o Bon e arranjar alguém como David Coverdale! O que mais me machucou foi que Bon nunca recebeu o reconhecimento que merecia enquanto estava vivo."

Para o exigente Angus Young, os Rolling Stones deixaram de ser bons ainda em 1968

NEM ÍDOLO SE SALVA

Uma das grandes influências do AC/DC são os Rolling Stones. Angus e Malcolm Young até tocaram ao vivo com os ídolos ingleses durante festival no Canadá em 2003. Nem isso impediu críticas. Em entrevista de 1977 à *Classic Rock*, Angus reclamou que a banda liderada por Mick Jagger e Keith Richards perdeu o rumo e deixou de ser boa em um momento bem específico: 1968. "Vou te dizer quando parou de ser bom: quando os Rolling Stones lançaram 'Jumpin' Jack Flash' e 'Street Fighting Man'", crava. "A partir daí, não há nada."

ÚNICOS ATÉ NO VISUAL

Do uniforme escolar de Angus Young à boneca inflável gigante representando mulher de 120 kg, a estética do AC/DC se tornou tão famosa quanto sua música

Por **Pedro Hollanda**

Há um contraste no coração do AC/DC: som sem firulas, mas capricho estético a ponto de construir algumas das imagens mais icônicas da história do rock. Seja pelo uso de peças de roupa e figurinos específicos ou por elementos que ocupam seu palco, o grupo dá show também para os olhos dos fãs. Resgatamos alguns dos principais recursos estéticos.

Vestuário

Tudo começa com Angus Young. Quando o AC/DC ainda estava nos primórdios, os integrantes se fantasiavam para chamar atenção. Era o auge do glam rock e todos usavam roupas espalhafatosas no palco.

Colocar o guitarrista solo num uniforme escolar saiu da mente de sua irmã mais velha, Margaret. Angus só tem 1,57m de altura, então a ideia de vendê-lo como uma criança numa banda de rock pareceu engraçada. Mentiam até o ano do seu nascimento para reforçar a imagem.

O visual se tornou um dos mais icônicos da história da música — especialmente após Angus aparecer na capa de *Highway to Hell* a caráter, com chifres e rabo pontudo de diabo. A personificação da juventude transviada.

O chapéu estilo boina de Brian Johnson também ficou famoso. A origem do acessório foi prática: o cantor suava muito durante os shows, então seu irmão emprestou um quepe para ver se ajudava a deixar seu rosto seco.

Brian adorou o efeito e sua banda na época, Geordie, passou a ser citada justamente por ter o "vocalista de boina". Quando foi contratado pelo AC/DC, em 1980, trouxe o visual consigo.

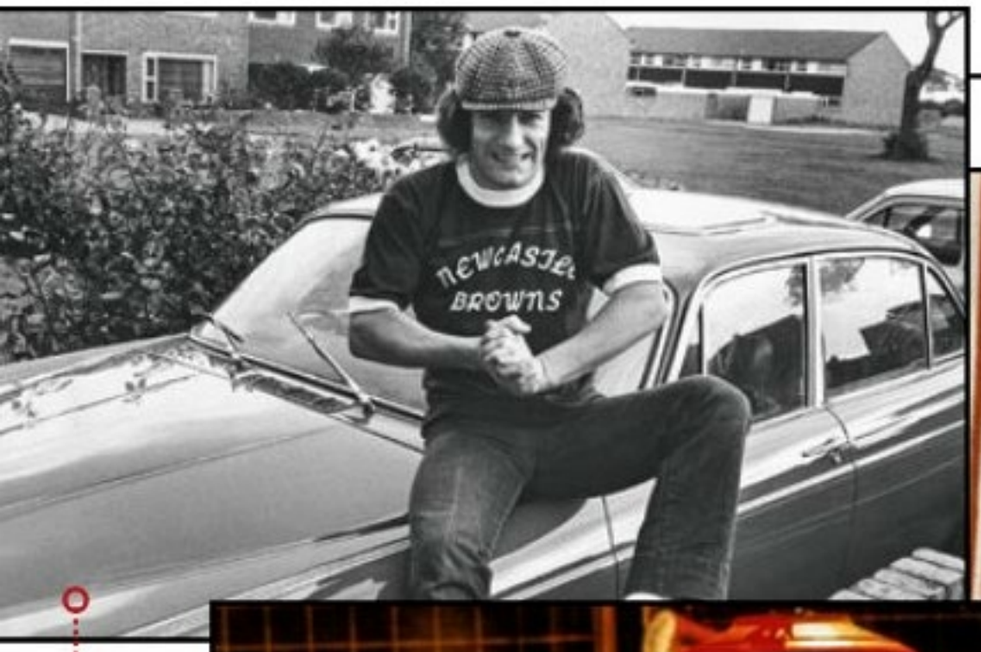
Elementos de palco

O show do AC/DC é marcado por momentos atrelados a canções específicas. Em "Hells Bells", um sino desce para indicar a introdução. O objeto de cena teve várias versões ao longo dos anos, mas a mais notória tinha mais de uma tonelada e era um pesadelo logístico. Quando a banda se apresentou no primeiro Rock in Rio, em 1985, o enorme objeto precisou vir de navio — e mesmo assim, não pôde ser usado. A estrutura do palco não aguentava o peso.

Por falar em peso, o outro momento mais famoso dos shows ocorre durante "Whole Lotta Rosie". A canção sobre a noite de Bon Scott com uma mulher de figura avantajada — 120 kg, segundo a letra — contou a partir de 1991 com uma gigantesca versão inflável da personagem. Fãs podiam até comprar versões miniatura da boneca em shows. Hoje em dia, ela só aparece no telão.

Os chifres de Angus na capa de *Highway to Hell* também se tornam parte do visual do guitarrista na hora de tocar a faixa-título do álbum ao vivo. A prática começou em 1996. Até o público coloca seus próprios adereços para combinar.

Há ainda o momento climático em "For Those About to Rock (We Salute You)". No clipe da canção, tiros de canhão surgem durante o refrão. Desde então, a banda traz a artilharia para o palco. Algumas turnês contaram com um canhão gigante, outras tiveram duas peças montadas nos lados do palco – como no Rock in Rio. Na turnê *Power Up*, são seis armas de artilharia montadas em cima da parede de amplificadores.



«Angus só tem 1,57m de altura, então a ideia de vendê-lo como uma criança que toca numa banda de rock pareceu engraçada»

FOTOS: MIRRORPIX VIA GETTY IMAGES, FIN COSTELLO/REDFERNS, BOB KING/REDFERNS, MARTIN PHILBEY/REDFERNS, HAYLEY MADDEN/REDFERNS

SPRING

EDIÇÃO 27 - ABR 2026 - R$ 35,00

7 898034 594120

"IF YOU WANNA BE
A STAR OF STAGE
AND SCREEN

LOOK OUT! IT'S
ROUGH AND MEAN

IT'S A LONG WAY
TO THE TOP IF
YOU WANNA
ROCK 'N' ROLL"